Manual Prático de
Mesa Branca

*Contendo Estudos Importantes
Sobre a Prática dos Médiuns e o
Desenvolvimento da Mediunidade*

1º Volume

Elizeu Lamosa Prado

editora
Virtual Books

Manual Prático de Mesa Branca

Contendo os estudos importantes
Sobre a prática dos Médiuns e o
Desenvolvimento da Mediunidade

Elizeu Lamosa Prado

1º Volume

Virtualbooks

Sumário

VII. Sessão de Estudos – Parte I /
Como garantir a verdade nos ensinamentos dos espíritos?
O Espírito Consolador prometido por Jesus é uma entidade espiritual ou uma doutrina?
Qual a forma dos corpos dos espíritos encarnados em outros mundos?
Existem entre nós espíritos de outros planetas?
O que é reencarnação?
Por que católicos e protestantes não crêem na reencarnação?
O que os evangelhos dizem sobre reencarnação?
Outras partes da Bíblia falam sobre a reencarnação?
Antigo conceito sobre ressurreição /

VIII. Sessão de Estudos – Parte II
A origem do mal /00
Os seres chamados de demônios /
A ressurreição e o processo de retorno a vida /

Capítulo I
Estudos Preliminares

O que é Mesa Branca

Mesa Branca é a prática da mediunidade espiritualista a partir das orientações de um ou mais guias espirituais (espíritos ou entidades que cuidam dos trabalhos da casa ou grupo local que pratica a mesa branca). Apesar de estar presente em alguns segmentos religiosos sob o nome de "Umbanda de Mesa", "Kardecismo" ou "Sessão Astral", a Mesa Branca é normalmente praticada de forma independente sem estar ligada diretamente a qualquer religião. Possui várias linhas diferentes segundo a direção do guia da casa e podem ser de linhas cristãs e não-cristãs.

Diferentes linhas de Mesa Branca

Dizem-se "linhas" os diferentes segmentos existentes dentro da prática da Mesa Branca:

Linhas Cristãs

Os grupos que se dedicam a prática da Mesa Branca e que procuram seguir os ensinamentos de Jesus, dos evangelhos são considerados de *linha cristã*, os mais conhecidos atualmente são:

1. *Linha Cristã Evangélica:* Segue os ensinamentos de Jesus e tem como base maior de suas convicções os Evangelhos e a Bíblia.

2. *Linha Kardecista:* Também segue os ensinamentos de Jesus, mas tem como base maior de suas convicções as obras compiladas por Allan Kardec.
3. *Linha Espiritualista Cristã:* É a união das duas primeiras. Aceita tudo como verdadeiro até que se prove o contrário pelos seus estudos metódicos e também pelas revelações dos guias. É uma linha mais abrangente que as demais por causa de sua liberdade de pensar. Além da Bíblia e das obras kardecistas, adota também ensinamentos das ciências esotéricas segundo a orientação de seus mentores espirituais.

Linhas Não-Cristãs

Existem grupos que seguem outras linhas de pensamentos, mas que também praticam a Mesa Branca, estes são os que chamamos de *Linhas Não-Cristãs*, como por exemplo, as linhas umbandistas, ramatistas, daimistas, roustanguistas, esotéricas e outros.

O uso da mesa nas sessões

A "mesa" em si é um objeto indispensável nas sessões uma vez que serve de apoio e contato material para os trabalhos de um modo em geral. É, em volta da "mesa", que os médiuns se reúnem para uma sessão; é a partir dela que é realizado um estudo, uma preleção, uma consulta ou uma comunicação mediúnica; é através dela, ainda, que os médiuns realizam seus trabalhos e é sobre ela que são colocadas as oferendas; é, enfim, por meio de uma mesa, que se faz o desenvolvimento da mediunidade espiritualista e todas as suas aplicações segundo a natureza da linha adotada pela casa ou pelo grupo.

Razão da cor branca

A prática de reuniões frívolas e trabalhos malfazejos que alguns grupos realizaram no passado através do mediunismo de mesa, foi um dos motivos pelo qual se adotou largamente a "cor branca" para diferenciar os trabalhos de tais grupos e demonstrar assim a boa natureza das sessões promovidas pela casa. Mas a cor branca também tem um significado todo especial entre os adeptos das boas reuniões, pois segundo as orientações dos guias, o branco serve para evitar o amortecimento e arritmia das vibrações, pelas diversidades de coloração. Também, segundo a cromo-terapia, a roupa branca indica claridade, pureza e iluminação; representa a inocência, a verdade e a integridade do mundo; simboliza o caminho e o esforço em direção à perfeição. É também uma cor indicada para os trabalhos de cura em geral, purificação e abertura à luz. Daí segue o motivo do uso das vestes brancas nas sessões.

Mesa Branca e Espiritismo

Existe uma confusão muito grande em relação a Mesa Branca e o Espiritismo e isso normalmente é motivado por dois motivos básicos: 1º A semelhança que existe em alguns pontos, como por exemplo, a comunicação mediúnica com os espíritos, os passes magnéticos e a crença na reencarnação; 2º Porque a Mesa Branca, em especial as de linhas cristãs, adotam a Ciência Espírita como fonte de conhecimento e prática mediúnica. Neste caso, pode-se dizer que todos os adeptos da Mesa Branca são espíritas ou que praticam também o Espiritismo. Mas não segue daí que todo espírita seja um praticante da Mesa Branca.

O Espiritismo é uma doutrina científica e filosófica codificada em 1857 por Allan Kardec. A Mesa Branca, por sua vez, é uma prática essencialmente religiosa, desenvolvida a partir das

práticas mediúnicas do chamado moderno espiritualismo. A Mesa Branca não tem regras como no Espiritismo, as quais não permitem que seus adeptos apliquem procedimentos que não constam em sua codificação. A Mesa Branca, embora utilize as práticas espíritas em suas sessões, é um seguimento livre que adota também ensinos e procedimentos de outras correntes religiosas segundo a linha que segue e as orientações dos seus guias. A Mesa Branca é o produto aprimorado das sessões mediúnicas do moderno espiritualismo, cujas raízes surgiram muito antes de Allan Kardec e que até então era conhecida por "telegrafia espiritual", e depois, por "mesa girante", "mesa falante" e "dança das mesas". Essa prática mediúnica foi a responsável por chamar a atenção de vários pesquisadores para o fato das manifestações dos espíritos ocorrerem a partir das mesas.

O passe magnético

O Passe é uma transmissão de energias espirituais que o *passista* (pessoa que dá o passe) transmite pelas mãos ao doente ou a pessoa que necessita de ajuda. Alguns denominam de "Transfusão de Fluídos". Tem a finalidade de reparar as energias do corpo espiritual ou envoltório fluídico (perispírito) do assistido. Quando uma pessoa está sendo obsedada ou influenciada por maus espíritos, uma energia negativa começa a envolvê-la de uma tal forma que vários problemas vão ocorrendo como por exemplo um mal estar inexplicável, tonturas, dores no corpo, na cabeça e muita amarração em algumas áreas de sua vida, quando não em todas. Quando se recebe um *Passe Magnético*, essas energias ruins são neutralizadas pela ação do poder magnético transmitido pelo passista ao doente que normalmente sente o alívio imediato.

O *Passe Magnético* é amplamente utilizado em casas espíritas, centro de mesa branca, diversos cultos espiritualistas e até mesmo em igrejas através do que chamam de "oração com imposição de mãos". Mas, entretanto, nem todos os aflitos alcançam o alívio de suas dores através do *Passe Magnético*, pois pode ocorrer que o passista esteja sendo assistido por entidades malfazejas sem ao menos desconfiar disso. Neste caso o enfermo, ao invés de receber bons fluidos durante o passe, acaba se contaminando ainda mais de fluidos perniciosos. Muitas pessoas tem nos procurado com esse problema: contam que depois de receberem passes por determinadas pessoas as dores e as sensações ruins aumentaram ao invés de ter um fim. Por isso, antes de receber *Passes Magnéticos*, orações, rezas ou benzimentos de alguém ou em algum lugar, aconselhamos que se verifique quais são as entidades que trabalham na casa ou que assistem o passista. As entidades verdadeiramente de luz trabalham pela causa do Evangelho e estão diretamente ligadas ao Mestre Jesus.

O socorro aos que sofrem do corpo e da alma através do *Passe Magnético* é instituição de alcance fraternal que remonta aos mais recuados tempos, nos evangelhos por exemplo, encontramos valiosos repositórios de fatos nos quais o Mestre e os seus apóstolos aparecem realizando essa prática "pela imposição de mãos ou pelo influxo da palavra, recursos magnéticos curadores".

Destacamos aqui três tipos diferentes de *Passe Magnéticos*:
1º Passe presencial - com a pessoa de corpo presente;
2º Passe a distância -onde é emitido energias a distância e em direção ao assistido, em alguns casos usam-se fotos pra este efeito;
3º Passe por aparelhos eletrônicos - emissão de energias ao assistido através do aparelho de telefone, do rádio, da televisão e mesmo através do computador.

Os Trabalhos Espirituais

Em Mesa Branca, diz-se trabalho espiritual os proce-dimentos utilizados pelos médiuns, com orientação dos seus guias, para ajudar seus assistidos numa causa qualquer, geralmente para a cura de enfermidades, para se libertar dos maus espíritos, abrir os caminhos e desfazer trabalhos malfazejos contra alguma área de suas vidas.
Os trabalhos espirituais são realizados através de sessões mediúnicas próprias e usa-se oferendas, passes magnéticos e elementos diversos como velas, vasos, incensos, cordas, cordões, sal grosso, arruda, enxofre e outros segundo a orientação dos guias. Cada elemento possui uma vibração diferente ou vibram de forma específica para cada caso segundo sua aplicação. A vibração dos números e das cores também são muito utilizados nos trabalhos de Mesa Branca. Não se faz sacrifícios com animais (matanças) nem pactos de sangue e os trabalhos são totalmente voltados para o bem.

Os trabalhos de Mesa Branca tem por objetivo central neutralizar as energias negativas (fluidos ruins) decorrentes da ação direta de entidades espirituais hostis popularmente conhecidas por maus espíritos, espíritos atrasados, encostos, etc, que por vezes se encontram na vida e nos caminhos dos assistidos por causa de trabalhos malfazejos como magia negra e vodu. Os trabalhos genuínos de Mesa Branca visam portanto, a libertação total dessas forças negativas fornecendo aos assistidos o alívio de seus tormentos e a cura de suas dores.

As Oferendas

Normalmente as pessoas tendem a fazer confusão entre "doação" e "oferenda". Doação é algo que a pessoa dá de forma voluntária sem esperar nada de volta com isso, faz porque gosta ou porque deseja fazer, faz para ajudar e não para ser ajudada. No caso da Oferenda, não é algo voluntário, mas uma “obrigação” que faz parte dos trabalhos. Se faz a Oferenda para agradar os guias e ser ajudado por eles e não para ajudar, eis aí a grande diferença! Para explicar melhor a importância das Oferendas nos trabalhos, de Mesa Branca, apresentamos a seguir as respostas do nosso guia para várias indagações sobre o assunto:

1. O que é oferenda e qual a sua finalidade?

R. É tudo aquilo que podes oferecer para alguma entidade ou santo, com o objetivo de conseguir as forças e o merecimento necessário para se obter alguma coisa.

2. O que representa para as entidades a Oferenda?

R- Essencialmente a "energia da vida" ou o "sangue" que dá vida há alguma coisa.

3. Quais os principais tipos de Oferendas?

R- Existem praticamente quatro tipos diferentes:
** Oferenda de origem vegetal: árvores, folhas, frutos, sementes e flores.*
** Oferenda de origem mineral: água, sal, carvão, ouro, prata, bronze, etc.*
** Oferenda de origem animal: bois, bodes, carneiros, galinhas, patos e muitos outros animais, que depois de extraído o sangue, servem de alimentos à comunidade.*
** Oferenda de origem financeira ou bens materiais: dinheiro, imóveis, automóveis e qualquer outro patrimônio ou objeto de valor material que uma pessoa pode ter.*

4. Como uma Oferenda pode ajudar uma pessoa a conseguir forças e merecimento para conquistar alguma coisa?

R- Uma Oferenda, quando bem apresentada, eleva consideravelmente a força fluídica que se encontra ao redor do perispírito (energia perispiritual). Essa é uma das energias que nós manipulamos e direcionamos para ajudar na realização das vossas petições.

5. Como uma Oferenda deve ser apresentada?
R- Com fé, muita reverência e sobretudo, não duvidar dos resultados.

6. Para quem devemos dar ou oferecer as Oferendas?
R- Na Mesa Branca de linha cristão deveis oferecer única e exclusivamente a Jesus, nosso mestre maior e Senhor dos trabalhos brancos, ou seja, dos trabalhos do bem. Após oferecida, pedi-vos que os guias do trabalho vos ajudem na causa proposta e eles o farão com a ajuda do Mestre.
Nas outras linhas ou em seguimentos diferentes, geralmente as Oferendas são oferecidas a uma ou mais entidades que fazem parte do culto ou da linha de qual se trabalha.

7. Como um bem ou um valor monetário que a pessoa tem pode resultar em benefícios se ela der em forma de Oferenda?
R- A maioria das pessoas protegem os seus bens de forma inconsciente através da emissão de energias fluídicas que os envolvem. O mesmo ocorre com o dinheiro. Quando uma pessoa resolve abrir mão de algo que lhe pertence para fazer uma oferenda, a energia que envolve esse bem ou esse objeto pessoal se desprende dele e é por nós manipulada e direcionada em prol do vosso pedido.

8. Por que o uso do dinheiro geralmente traz mais resultados para o assistido do que outros tipos de oferendas, como por exemplo as de origem vegetal?
R- Porque o dinheiro é um dos mais poderosos elementos que tendes em vosso meio depois do sangue. Como já dissemos antes, em volta desse objeto existe alta concentração de energia e precisamos dessa força agir em teu favor.
Em vosso mundo praticamente todos desejam o dinheiro, desejam mantê-lo perto de si, desejam nunca ficar sem ele, desejam ainda lutar e trabalhar para conquistá-lo. Muitos desejam fazer qualquer coisa para atrair o dinheiro para si, e outros, por sua vez, desejam coisas imagináveis e tudo isso tão somente para não perdê-lo. Todo esse desejo humano pelo dinheiro concentra nele a energia necessária que necessitamos para atender aos pedidos, desde que permitido é claro, daí o motivo porque o dinheiro é muito usado como principal Oferenda em muitas casas.

O que a Mesa Branca aceita e o Espiritismo não

Aspectos básicos encontrados na Mesa Branca
que a diferenciam do Espiritismo

1º LIVRE PENSAMENTO e MEDIUNIDADE ABERTA. Em termos de ensino filosófico e prática mediúnica, a Mesa Branca aceita tudo o que os seus guias revelam nas sessões e as mantém como verdades e úteis a instrução de seus adeptos até que se prove o contrário pela experiência prática. O Espiritismo não, uma vez que possui regras bem definidas sobre esta questão e delas não se pode afastar.

2º ENERGIA dos ELEMENTOS: A Mesa Branca crê e trabalha abertamente com as energias vibratórias dos quatro elementos (Terra, Ar, Fogo e Água).

3º ENERGIA dos NÚMEROS e das CORES: A Mesa Branca crê e trabalha abertamente com a vibração dos números (numerologia) e das cores (cromo-terapia).

4º ENERGIA das OFERENDAS. A Mesa Branca crê e trabalha com a faixa vibratória produzida pelas oferendas.

5º INFLUÊNCIA dos ASTROS. A Mesa Branca crê e trabalha com a faixa vibratória produzida pelos Astros (Astrologia).

6º IMAGENS, VELAS, CRISTAIS e INCENSOS. A Mesa Branca crê na influência das imagens, trabalha com a força vibratória produzida pelas velas, com o poder dos cristais e com a harmonização ambiente produzida pelos incensos.

Como funciona o Centro de Mesa Branca

O Centro de Mesa Branca tem um funcionamento muito parecido com os Centros Espíritas: Sessões de prece, estudo, passes magnéticos, alguns tem eventos e trabalhos de caridade como o da sopa e café da manhã aos pobres. A diferença aí estaria no modo de ver a Doutrina do Mestre, que é mais aberta e abrangente do que a filosofia do movimento espírita atual (Ver capítulo I). Na Mesa Branca se faz trabalhos espirituais não encontrados no Kardecismo, como por exemplo os trabalhos de limpeza espiritual do corpo e do ambiente, desmanches de trabalhos malfazejos ou contra-magia e abre caminhos. Na parte espiritual, funciona segundo as orientações do seu mentor espiritual que é o guia da casa, entidade (espírito) que preside sobre outras que também ajudam nos trabalhos. Na parte administrativa, ele é dirigido por um presidente assistido por membros de uma diretoria, que geralmente são: secretários, tesoureiros e conselheiros. O centro pode funcionar sem personalidade jurídica, através de um grupo de médiuns e pessoas dispostas a se reunirem periodicamente para as práticas mediúnicas e auxílio ao próximo, como também pode ser uma sociedade regularmente constituída segundo a lei vigente do país.

No interior do salão onde são realizadas as sessões existe uma mesa branca na frente onde os médiuns sentam-se junto a ela juntamente com o dirigente do trabalho, que normalmente é o presidente do centro. Em reuniões públicas, geralmente os médiuns ficam de frente para os assistidos que por sua vez ficam assentados como numa reunião de palestras. Em algumas casas existe também uma segunda mesa branca ao lado dos médiuns para que os assistidos coloquem em cima dela garrafas com água, peças de roupa, fotos e outros objetos com o intuito de serem magnetizados ou fluidificados pelos espíritos de luz. Nesta sessão os assistidos participam do momento de prece e logo em seguida do estudo do Evangelho segundo o Espiritismo, que é ministrado pelo presidente ou por um dos médiuns presentes. Depois, ao final da sessão, os assistidos recebem passes magnéticos e bebem da água fluidificada. É comum após a sessão um ou dois médiuns permanecerem no local afim de atender as pessoas de forma particular para dar orientações e marcar trabalhos espirituais em horários previamente definidos para este efeito.

Capítulo II
A Mediunidade e os Médiuns

A faculdade dos médiuns

A **mediunidade** é a faculdade dos médiuns, nome este atribuído pelo Espiritismo a certas pessoas que possuem um dom natural que lhes permitem servir de intermediários entre homens e espíritos. Ela se manifesta de forma mais ou menos ostensiva em todos os indivíduos. Porém, usualmente apenas aqueles que a apresentassem num grau mais perceptível são chamados *médiuns.*
Um espírito que deseja se comunicar com alguém, por exemplo, entra em contato com a mente do médium e, por esse meio, se comunica oralmente (psicofonia), pela escrita (psicografia), ou ainda se fazendo visível ao médium, pela chamada "vidência". Através da *mediunidade* podem ocorrer também fenômenos de ordem físicos, como batidas ou pancadas (tiptologia), escrita direta (pneumatografia), voz direta (pneumatofonia), e ainda materializações ectoplasmáticas em que o espírito desencarnado se faz visível e até palpável aos presentes no ambiente onde ocorra o fenômeno. Outras formas de comunicação com os espíritos podem ser encontradas em O Livro dos Médiuns.

Os Médiuns

O termo **médium** vem do latim, significa basicamente "meio", "intermediário". Segundo o Espiritismo, "toda pessoa que sente, em um grau qualquer, a influência dos espíritos. Essa faculdade é inerente ao homem e, por consequência não é privilégio exclusivo; também são poucos nos quais não se encontrem alguns rudimentos dela. Pode-se, pois, dizer que todo mundo é, mais ou menos, médium. Todavia, usualmente, esta qualificação não se aplica senão àqueles nos quais a faculdade medianímica (mediunidade) está nitidamente caracterizada, e se traduz por efeitos patentes de uma certa intensidade, o que depende, pois, de um organismo mais ou menos sensível. De outra parte, deve-se anotar que esta faculdade não se revela em todos do mesmo modo; os médiuns têm, geralmente, uma aptidão para tal ou tal ordem de fenômenos, o que lhes resulta variedades quantas sejam as espécies d manifestações. As principais são: os médiuns de efeitos físicos, os médiuns sensitivos ou impressionáveis, audiêntes, falantes, videntes, sonâmbulos, curadores, peneumatógrafos, escreventes ou psicógrafos" (1).

No meio espírita e na mesa branca utilizam-se a palavra *médium* para designar o indivíduo que serve de instrumento de comunicação entre os homens e espíritos, outras doutrinas ou correntes filosóficas utilizam termos diferentes como *clarividente, intuitivo, sensitivo,* o que tem o mesmo significado. O médium é aquele que serve de elo entre o mundo em que vivem os espíritos (quarta vertical, quarta dimensão, mundo astral...) e o mundo terreno, assim este se abre para que o espírito se utilize dele. Clarividente é aquele que tem capacidade de enxergar a quarta vertical através da "terceira visão" ou "vista dupla". Intuitivo é aquele que tem capacidade de sentir a cadeia dos acontecimentos e assim prevê-los, assim sensitivo também se adequaria a está faculdade.

Existem também os chamados *parapsicólogos forenses*, também conhecidos como *investigadores psíquicos* (do inglês *Psychic Witness*), são médiuns que trabalham em conjunto com a polícia na investigação de crimes de difícil solução (inexistência de testemunhas, escassez de provas, excesso de suspeitos,...). O papel desses médiuns, segundo Sérgio Pereira Couto em artigo na revista Ciência Criminal (2), "consiste basicamente em captar sensações sobre o que aconte-

ceu nos locais dos crimes e passar as informações para que os detetives tomem as devidas providências administrativas, incluindo a detenção de suspeitos para interrogatório". O canal de TV *Discovery Channel* possui um documentário que trata desse tema, onde tem reportado as atividades de vários médiuns (investigadores psíquicos) que trabalham no apoio à polícia dos EUA. Com o sucesso desse programa, as polícias de vários estados americanos passaram a admitir em público o uso de médiuns em suas investigações, especialmente onde a insuficiência da tecnologia é notável. No Brasil, apesar de não existir ainda essa função na polícia, sabe-se que textos psicografados por médiuns já foram incorporados a processos criminais como provas documentais (3).

Controvérsias sobre a mediunidade

As controvésias que giram em torno da mediunidade baseiam-se, em grande parte, nos argumentos apresentados pelas igrejas católica e evangélica as quais defendem que todos os "espíritos" que se manifestam entre os homens seriam "demônios" comandados por Satanás, que trabalhariam incessantemente e de forma organizada para realizar diversos tipos de "enganos". Entretanto, Jesus ensinou que se conhece uma árvore ruim pelos seus frutos, com isso compreendemos que se um espírito é ruim, nada de bom pode trazer em suas comunicações, mas acontece que já foram psicografados diversos textos com ensinamentos elevados e que falam de amor e caridade, totalmente de acordo com os ensinamentos do Cristo. Não poderia estes, pois, serem o fruto das comunicações de entidades hostis ao homem. É irracional dizer que os espíritos que se manifestam para ajudar as pessoas e motivá-las a pratica do bem são seres malfazejos, uma vez que sua linguagem e objetivo não condiz de forma alguma com as características que normalmente são atribuídas aos demônios. Tanto para a Ciência Espírita quanto para a Mesa Branca, a Bíblia não condena a prática da mediunidade pelo simples motivo de Jesus nada
ter falado a respeito nos evangelhos e, se a mediunidade fosse algo errado e pecaminoso como argumentam os católicos e protestantes , é evidente
que Jesus não deixaria de condená-la como o fez com certas práticas da lei mosaica e costumes diversos do povo hebreu os quais sofreram reformas radicais (4).

1) Livro dos Médiuns, capítulo XIV, Dos Médiuns- Salvador Gentile, Instituto de Difusão Espírita.
2) Sérgio Pereira Couto, Revista "Científica Criminal", ano 1, nº2.
3) Textos psicografados por Chico Xavier e Jorge José Santa Maria foram incorporados aos processos criminais no Município de Porto Alegre-RS.
4) Evangelho São Mateus, capítulo 5, versículos 21 ao 48.

Capítulo III
Espiritualismo e o Espiritismo

O que é Espiritualismo

O *Espiritualismo* é uma doutrina filosófica que basicamente defende a essência espiritual, a imortalidade da alma e a existência de Deus. O Espiritualismo prega a existência de uma alma imortal no homem, ou seja, que existe um princípio substancial distinto da matéria e do corpo, razão absoluta de ser da vida e do pensamento. É o oposto do *materialismo* que admite sendo o pensamento, a emoção e os sentimentos simples reações físico-químicas do sistema nervoso. Assim sendo, toda a pessoa que aceita a existência da Alma e de Deus, é, por isto mesmo,

espiritualista. Esse termo também é empregado como referência à certas pessoas que possuem espiritualidade sem religiosidade, ou seja, que são contrárias ao materialismo e, ao mesmo tempo, não estão filiadas a nenhum segmento religioso apesar de compreender e respeitar as crenças diversas.

O Moderno Espiritualismo

Em 1840 iniciou-se um movimento muito forte entre os espiritualistas, cuja característica marcante foi a crença de que os espíritos de pessoas falecidas podiam ser contactadas pelos vivos, ou encarnados. Esse movimento denominado de *Moderno Espiritualismo* lançou as bases para a crença de que os espíritos desencarnados residiam num plano chamado espiritual mas que podiam se manifestar no plano físico entre os encarnados, servindo-lhes de guias tanto em assuntos materiais como os de ordem moral. Periódicamente pessoas da classe média e alta se reuniam em sessões para estabelecer contatos com os seres do plano espiritual e receber deles diversas orientações. Nesse ambiente, os escritos de Emanuel Swedenborg e os ensinamentos de Franz Mesmer serviram de exemplo para aqueles que procuravam um conhecimento pessoal direto da vida após a morte. Swedenborg, que em estado de transe, se comunicava com os espíritos, descreveu em volumosos escritos a estrutura do mundo espiritual. Duas características da sua visão tiveram particular acolhida pelos primeiros espiritualistas: primeira, a de que não existe apenas um único céu, mas uma série de esferas pelas quais um espírito progride à medida que evolui; segunda, a de que os bons espíritos são os mediadores entre Deus e os homens de modo que o contato humano direto com o divino é feito através dos espíritos dos humanos que se foram.

Esse movimento foi o responsável pelo surgimento de vários grupos especialmente organizados com fins de praticar o contato com a espiritualidade através das chamadas sessões de "Telegrafia Espiritual" Em 1853, por ocasião da publicação *Spirit Rappings* (batidas de espíritos) uma canção popular da época, o *Moderno Espiritualismo* já era bastante difundido na Europa e nos EUA e era alvo de muita curiosidade entre a população. Mesmer havia desenvolvido uma técnica conhecida como "hipnotismo", que induzia transes e fazia com que aqueles que a ela fossem submetidos relatassem contatos com seres espirituais. Entretanto, houve muito exibicionismo com o Mesmerismo e praticantes que davam palestra nos Estados Unidos nos meados do século XIX procurando entreter audiências ao mesmo tempo em que demonstravam um método de contato com o divino.

Mesas Girantes ou Dança das Mesas

As primeiras manifestações dos espíritos foram feitas basicamente através das mesas, ou seja, as entidades usavam as mesas para se comunicar com os encarnados. Os primeiros fenômenos observados nas sessões espiritualistas foram o movimento das mesas as quais foram designadas vulgarmente com o nome de *mesas girantes* ou *dança das mesas* devido a movimentação que se produzia acompanhada de circunstâncias estranhas, como ruídos insólitos e golpes desferidos sem uma causa ostensiva, conhecida. Durante as manifestações as mesas começavam a girar num movimento circular, freqüentemente brusco, desordenado, a mesa por vezes era violentamente sacudida, derrubada, conduzida numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, ficava suspensa e no espaço.

Este fenômeno entreteve durante algum tempo a curiosidade dos salões, que depois se cansaram e passaram a outras distrações, porque servia apenas nesse sentido. Dois foram os motivos do abandono das mesas girantes: para os frívolos, a moda, que raramente lhes permitia o mesmo divertimento em dois invernos, e que prodigiosamente lhe dedicaram três ou quatro!

Para as pessoas sérias e observadoras foi um motivo sério: abandonaram as mesas girantes para ocupar-se das conseqüências muito mais importantes que delas resultavam. Deixaram o aprendizado do alfabeto pela Ciência, eis todo o segredo desse aparente abandono, de que fizeram tanto barulho os zombadores.

O que é Espiritismo

O termo “espiritismo” vem do francês *Espiritisme*. Neologismo criado para diferenciação do termo "espiritualismo", mais genérico e que indica o oposto do materialismo. O Espiritismo é uma doutrina filosófica, científica e de conseqüências morais, fundada sobre a crença na existência dos espíritos, tratando da imortalidade da alma, da natureza dos espíritos e suas relações com os homens, das leis morais, da vida presente, da vida futura e do futuro da Humanidade, segundo o ensinamento dado pelos espíritos superiores com a ajuda de diversos médiuns. Foi codificado em 1857 por Allan Kardec, pseudônimo do educador francês *Hippolyte-Léon-Denizard Rivail*, o qual descreve a nova doutrina da seguinte forma:

"O Espiritismo dá-nos a conhecer o mundo invisível, que nos envolve e no meio do qual vivemos sem disso desconfiarmos, as leis que o regem, suas relações com o mundo invisível, a natureza e o estado dos seres que o habitam, e, em consequência, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra".."Os pontos fundamentais da doutrina são o fato do ensinamento dado pelos espíritos encarregados por Deus para esclarecerem os homens sobre as coisas que ignoravam, que não poderiam aprender por si mesmos, e que lhes convinha conhecerem, hoje que estão amadurecidos para compreendê-las".."É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação, e não o produto da imaginação".."O Espiritismo e a Ciência se completam um pelo outro; a Ciência sem o Espiritismo se encontra na impossibilidade de explicar certos fenômenos unicamente pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, lhe faltaria apoio e controle".."Seguramente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a astronomia e a astrologia, a química e a alquimia; querer confundi-las é provar não saber delas nem a primeira palavra" (A Gênese Segundo o Espiritismo, capítulo I, nº 12,13,14,16 e 19).

Como tudo começou

Em 1855 a prática do Moderno Espiritualismo, especialmente as manifestações espirituais produzidas nas sessões de mesas girantes, despertou a curiosidade de Kardec o qual entreviu nelas, desde o início, o princípio de novas leis naturais; as quais deveriam reger as relações do plano material e do plano espiritual. A partir daí entregou-se aos estudos incessantes sobre a questão, reconhecendo mais tarde que a ação do mundo invisível sobre o visível seria uma das forças da Natureza, cujo conhecimento deveria lançar luz sobre uma multidão de problemas reputados insolúveis, e comprendeu-lhe a importância do ponto de vista religioso. Kardec formou uma equipe de médiuns os quais se reuniam regularmente em sessões de estudos para o exame da questão. Nessas sessões mediúnicas os espíritos se manifestavam e se comunicavam através dos médiuns para responder a diversas perguntas que eram feitas segunda a ordem dos temas que lhes eram propostos. Desses estudos profundos, surgiu então *O Livro dos Espíritos* que constituiu a parte filosófica da nova doutrina cuja primeira edição apareceu em 18 de abril de 1857 datando assim a verdadeira fundação do Espiritismo, que antes somente existia elementos esparsos sem coordenação. Com o Livro do Espíritos, a atenção de homens sérios é fixada na doutrina e ela toma um desenvolvimento muito rápido. Em 1º de janeiro de 1858, Allan Kardec lança também a Revista Espírita, uma coletânea mensal de estudos psicológicos, e em 1º de Abril do mesmo ano, em Paris, dá-se a fundação do primeiro grupo espírita regularmente

constituído, sob o nome de Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cujo objetivo exclusivo era o estudo de tudo o que poderia contribuir para o progresso da nova doutrina. A partir daí surgiram outras obras: O Livro dos Médiuns (janeiro de 1861); O Evangelho Segundo O Espiritismo (abril de 1864); O Céu e o Inferno, ou a Justiça de Deus segundo o Espiritismo (agosto de 1865); A Gênese, os Milagres e as Predições (janeiro de 1868).

Estudo resumido das obras espíritas

Allan Kardec elaborou a Doutrina em cinco obras básicas, chamada de *A Codificação Espírita*, abrangendo as seguintes obras:

1. *O Livro dos Espíritos:* Apresenta os fundamentos básicos do Espiritismo, objetivando compilar os esclarecimentos que esta Doutrina proporciona aos que buscam compreender a existência humana de forma mais abrangente. Divide-se em quatro partes, que se intitulam: das causas primárias; do mundo espírita ou mundo dos Espíritos; das leis morais; das esperanças e consolações. Aborda os aspectos científico, filosófico e religioso da Doutrina Espírita, desenvolvendo, através de 1019 perguntas seguidas de suas respostas, assuntos como: imortalidade da alma; natureza dos Espíritos e suas relações com os homens; vidas presente e futura; porvir da humanidade. Afirma que "O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião" e que por meio dele "a Humanidade tem que entrar numa nova fase, a do progresso moral que lhe é conseqüência inevitável".

2. *O Livros dos Médiuns:* Desenvolve temas como: educação da mediunidade; conduta do médium; caridade e reencarnação. Defende o estudo como meio de libertar o Espiritismo da superstição e do fanatismo que desvirtuam a tarefa sublime da mediunidade no aprimoramento das almas.

3. *O Evangelho Segundo O Espiritismo:* Compila os principais ensinos da moral cristã contidos no Evangelho de Jesus, explicando-os sob o enfoque espírita. Objetiva destacar a importância do conhecimento das máximas morais, demonstrando as conseqüências da aplicação destes ensinamentos em todas as situações da vida. Divide-se em 28 capítulos, abordando temas como: amor ao próximo; bem-aventuranças; o Cristo consolador; fora da caridade não há salvação; há muitas moradas na casa de meu Pai e preces espíritas. Apresenta introdução na qual explicita a autoridade da Doutrina Espírita e o controle universal do ensino dos Espíritos. Afirma que o aspecto moral do Evangelho constitui "o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça", exigindo de cada um a reforma de si mesmo.

4. *O Céu e o Inferno:* Explica a Justiça de Deus à luz da Doutrina Espírita. Objetiva demonstrar a imortalidade do Espírito e o estado deste no Plano Espiritual, como conseqüência de seus próprios atos. Divide-se em duas partes. A primeira, estabelece um exame comparado das doutrinas religiosas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, enfocando assuntos como: anjos; céu; demônios; inferno; penas eternas; purgatório e temor da morte. A segunda, reúne exemplos acerca da situação da alma durante e após a desencarnação, relacionando casos de criminosos arrependidos, Espíritos endurecidos, felizes, sofredores e suicidas. Conclui que o Espiritismo proporcionará a unidade de crenças sobre a vida futura e que esta unificação será "o primeiro ponto de contato dos diversos cultos" para promover, depois, a "completa fusão" entre as religiões.

5. *A Gênese:* Desenvolve o aspecto científico do Espiritismo, objetivando ressaltar que a "Ciência é chamada a constituir a Gênese de acordo com as leis da Natureza". Divide-se em três partes: a primeira, trata da origem espiritual e orgânica, apresentando um esboço geológico da Terra e as teorias sobre a formação da mesma; a segunda, aborda a temática dos milagres, explicando a natureza e propriedades dos fluidos e as ocorrências registradas no Evangelho; a terceira, enfoca as predições do Evangelho, analisando a teoria da presciência, os sinais dos tempos e a geração nova. Afirma que "Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela ab-rogação delas".

Há duas partes distintas na Codificação: As instruções dos espíritos superiores, e as opiniões pessoais de seu codificador; uma é invariável; a outra, apropriada aos dados científicos e teológicos da época. As instruções dos espíritos superiores não mudam e é para todos os tempos e todos os países, por isso mesmo tem um caráter divino. Os comentários e aplicações de Allan Kardec, entretanto, decorrentes de sua opinião pessoal, são suscetíveis a reformas.

Capítulo IV
Os Espíritos

O termo “espírito” vem do latim [*spiritu*]. Os *espíritos* são os seres inteligentes da criação, que povoam o Universo, fora do mundo material, e constituem o mundo invisível. Não são seres oriundos de uma criação especial, porém, as almas dos que viveram na Terra, ou em outros mundos habitados, e que deixaram o invólucro corporal.

Os espíritos podem ser bons ou maus segundo a sua classificação e esta, por sua vez, segundo o grau de adiantamento que adquiriram em suas existências corpóreas. Eles estão divididos aqui em quatro categorias principais ou quatro grandes divisões: 1º Espíritos Perfeitos, Evoluídos ou Puros; 2º Bons Espíritos; 3º Maus Espíritos e 4º Espíritos Imperfeitos.

Espíritos Perfeitos
Evoluídos ou Puros

São reconhecidos pela sua superioridade intelectual e moral absoluta, em relação aos espíritos das outras ordens. São entidades que já percorreram todos os graus da escala evolutiva e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Havendo atingido a soma de perfeições de que é suscetível a criatura, não têm mais provas nem expiações a sofrer. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, vivem a vida eterna, que desfrutam no seio de Deus. Gozam de uma felicidade inalterável, porque não estão sujeitos nem às necessidades nem às vicissitudes da vida material, mas essa felicidade não é a de uma ociosidade monótona, vivida em contemplação perpétua. São os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam, para a manutenção da harmonia universal. Dirigem a todos os espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e determinam as suas missões. Assistem aos homens nas suas angústias, incita-os ao bem ou à expiação das faltas que os distanciam da felicidade suprema. Isso para eles é uma ocupação agradável. São, às vezes, designados pêlos nomes de anjos, arcanjos ou serafins. Os homens podem comunicar-se com eles, mas bem presunçoso seria o que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

Bons Espíritos

A característica principal é o desejo que possuem se sempre querer fazer o bem. Suas qualidades e seu poder de fazer o bem estão na razão do grau que atingiram: uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade; os mais adiantados juntam ao seu saber as qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, segundo sua ordem, os traços da existência corpórea, seja na linguagem, seja nos hábitos, nos quais se encontram até mesmo algumas de suas manias. Se não fosse assim, seriam espíritos perfeitos.

Os *bons espíritos* compreendem Deus e o infinito e gozam já da felicidade dos bons. Sentem-se felizes quando fazem o bem e quando impedem o mal. O amor que os une é para eles uma fonte de inefável felicidade, não alterada pela inveja nem pêlos remorsos, ou por qualquer das más paixões que atormentam os espíritos imperfeitos; mas terão ainda de passar por provas, até atingirem a perfeição absoluta. Como espíritos, suscitam bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem durante a vida aqueles que se tornam dignos, e neutralizam a influência dos maus espíritos e dos espíritos imperfeitos sobre os que não se comprazem nelas. Quando encarnados, são bons e benevolentes para com os semelhantes; não se deixam levar pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem pela ambição; não provam ódio, nem rancor, nem inveja ou ciúme, fazendo o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os espíritos designados de “Guias da Mesa Branca” ou “Espíritos de Luz”; entidades responsáveis pelos trabalhos do grupo ou do centro; também chamados de “mentores espirituais”, eles se manifestam através dos médiuns para orientar, dirigir as sessões mediúnicas, executar trabalhos de contra-magia e outros, sempre em benefício daqueles que buscam a ajuda da casa. Pode ocorrer que espíritos evoluídos venham também para este efeito dependendo da missão do grupo propriamente dito. Nas crenças vulgares, são conhecidos pelos nomes de bons gênios, gênios protetores e espíritos do bem. Nos tempos de superstição e de ignorância, foram considerados divindades benfazejas.

Espíritos Imperfeitos

Sua característica é a predominância da matéria sobre o espírito. Podem ser bondosos mas maioria são propensos ao mal, devido a ignorância, o orgulho, o egoísmo, e todas as más paixões que lhes seguem. Em alguns, há mais leviandade. Outros não fazem o bem, nem o mal; mas pelo simples fato de não fazerem o bem, revelam a sua inferioridade. Suas idéias são pouco elevadas e os seus sentimentos mais ou menos abjetos. Os seus conhecimentos sobre as coisas do mundo espiritual são limitados, e o pouco que sabem a respeito se confunde com as idéias e os preconceitos da vida corpórea. Não podem dar-nos mais do que noções falsas e incompletas daquele mundo; mas o observador atento encontra freqüentemente, nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos espíritos superiores. O seu caráter se revela na sua linguagem. Vêem a felicidade dos bons, e essa visão é para eles um tormento incessante, porque lhes faz provar as angústias da inveja e do ciúme. Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea, e essa impressão é freqüentemente mais penosa que a realidade. Sofrem, portanto, verdadeiramente, pelos males que suportaram e pêlos que acarretaram aos outros; e como sofrem por muito tempo, julgam sofrer para sempre. Deus, para os punir, quer que eles assim pensem.

Maus Espíritos

Os maus espíritos fazem parte na verdade da categoria dos espíritos imperfeitos, mas separamos aqui para tratar melhor do assunto uma vez que nem todos os espíritos imperfeitos são maus.

Ao contrário dos bons, os maus espíritos possuem incessante desejo de fazer o mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo. Seu poder de atuação para fazer o mal está normalmente ligado ao grau de adiantamento que atingiram em ciência. Constantemente aliam a inteligência à maldade ou à malícia. Enfim, evoluem em conhecimento com vistas a prática do mal. Se comprazem em fazer o mal e subjugar os demais espíritos ainda imperfeitos.

Esta qualidade de espíritos manifestam freqüentemente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como golpes, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar etc. Seu conhecimento em ciência os tornam agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer pela sua ação sobre o ar, a água, o fogo, os corpos sólidos ou nas entranhas da terra. Os bons espíritos e especialmente os espíritos perfeitos também produzem esses fenômenos com a grande diferença de que estes últimos o fazem para o bem enquanto que as entidades malfazejas concentram todo o seu poder especialmente para a prática do mal.

Capítulo V
As Evocações (1)

A palavra “evocação” vem do latim [*evocatione*] e significa a ação ou efeito de chamar e fazer surgir os espíritos. Não é sinônimo perfeito de invocação, por mais que tenham a mesma raiz. Enquanto *evocar* é chamar, fazer vir a si, fazer aparecer por cerimônias mágicas, por encantamentos - evocar almas, espíritos, sombras; *invocar* é chamar a si ou em seu socorro um poder superior ou sobrenatural - invoca-se Deus pela prece. A invocação está no pensamento, a evocação é um ato. Na invocação, o ser ao qual nos dirigimos nos ouve; na evocação, ele sai do lugar em que está para vir a nós e manifestar sua presença. A invocação não é dirigida senão aos seres que supomos bastante elevados para nos assistir. Evocam-se tantos os espíritos inferiores como os superiores.

Comunicações espontâneas

Dependendo do tipo e finalidade da sessão os espíritos podem se manifestar de forma espontânea ou mesmo quando evocados e é sobre isso que daremos especial atenção nesse caítulo através do esclarecimento dado por Allan Kardec sobre esta questão.

Os espíritos podem comunicar-se espontaneamente ou atender ao nosso apelo, isto é, ser evocados. Algumas pessoas acham que não devemos evocar nenhum espírito, sendo preferível esperar o que quiser comunicar-se. Entendem que chamando determinado espírito não temos a certeza de que é ele que se apresenta, enquanto o que vem espontaneamente, por sua própria iniciativa, prova melhor a sua identidade, pois revela assim o desejo de conversar conosco. Ao nosso ver, isso é um erro. Primeiramente porque estamos sempre rodeados de espíritos, na maioria das vezes inferiores, que anseiam por se comunicar. Em segundo lugar, e ainda por essa mesma razão, não chamar nenhum em particular é abrir a porta a todos os que querem entrar. Não dar a palavra a ninguém numa assembléia é deixá-la livre a todos, e bem sabemos o

que disso resulta. O apelo direto a determinado espírito estabelece um laço entre ele e nós: o chamamos por nossa vontade e assim opomos uma espécie de barreira aos intrusos. Sem o apelo direto um espírito muitas vezes não teria nenhum motivo para vir até nós, se não for um nosso espírito familiar.

Essas duas maneiras de agir têm as suas vantagens e só haveria inconveniente na exclusão de uma delas. As comunicações espontâneas não têm nenhum inconveniente quando controlamos os espíritos e temos a certeza de não deixar que os maus venham a dominar. Então é quase sempre conveniente aguardar a boa vontade dos que desejam manifestar-se, pois o pensamento deles não sofre, dessa maneira, nenhum constrangimento e podemos obter comunicações admiráveis, enquanto o espírito evocado pode não estar disposto a falar ou não ser capaz de o fazer no sentido que desejamos. Aliás, o exame escrupuloso que aconselhamos é uma garantia contra as más comunicações.

Nas reuniões regulares, sobretudo quando se desenvolve um trabalho seqüente, há sempre espíritos que as freqüentam sem que precisemos chamá-los, pela simples razão de já estarem prevenidos da regularidade das sessões. Manifestam-se quase sempre espontaneamente para tratar de algum assunto, desenvolver um tema ou dar uma orientação. Nesses casos é fácil reconhecê-los, seja pela linguagem que é sempre a mesma, seja pela escrita ou por certos hábitos peculiares. Quando se quer comunicar com um espírito *determinado* é absolutamente necessário evocá-lo. Se ele puder atender, obtém-se geralmente a resposta: *Sim ou Aqui estou*, ou ainda *Que queres de mim?* Às vezes ele entra diretamente no assunto respondendo por antecipação as perguntas que se pretende fazer.

Quando se evoca um espírito pela primeira vez é conveniente designá-lo com alguma precisão. Deve-se evitar a perguntas formuladas de maneira dura e imperativa, que podem afastá-lo. As perguntas devem ser afetuosas ou respeitosas, conforme o espírito, e em todos os casos revelar a benevolência do evocador.

Muitas vezes a gente se surpreende com a presteza com que um espírito evocado se apresenta, mesmo na primeira vez. Dir-se-ia que estava prevenido. É realmente o que acontece quando a gente se preocupa de antemão com a sua evocação. Esse se preocupar é uma espécie de evocação antecipada, e como temos sempre os espíritos familiares que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam a vinda de tal maneira que, se não houver obstáculos, o espírito já está presente ao ser evocado. Caso contrário é o espírito familiar do médium ou do interrogante, ou um dos freqüentadoreshabituais que o vai buscar e para isso não precisa de muito tempo. Se o espírito evocado não pode vir imediatamente, o mensageiro (os pagãos diriam Mercúrio) marca um prazo, às vezes de cinco minutos, um quarto de hora, uma hora e mesmo d e muitos dias, e quando ele chega, diz: *Está aqui*. Então se pode começar a fazer as perguntas que se deseja. O mensageiro nem sempre é um intermediário necessário, porque o apelo do evocador pode ser ouvido diretamente pelo espírito sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus entendemos que essa recomendação deve ser tomada a sério e não levianamente. Os que pensarem que se trata de uma fórmula sem conseqüência farão melhor se desistirem de evocar (2).

As evocações oferecem, freqüentemente, mais dificuldades aos médiuns que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas e perguntas circunstanciadas. Para tanto são necessários médiuns especiais, ao mesmo tempo *flexíveis e positivos* (3). Porque as relações fluídicas nem sempre se estabelecem instantaneamente com o primeiro es-

pírito que se apresenta. Convém, por isso, que os médiuns não se entreguem a evocações para perguntas detalhadas sem estarem seguros do desenvolvimento de suas faculdades e da natureza dos espíritos que os assistem, pois com os que são mal assistidos as evocações não podem ter nenhum caráter de autenticidade.

Os médiuns são geralmente muito mais procurados para as evocações de interesse privado do que para as evocações de interesse geral. Isso se explica pelo desejo muito natural de se conversar com os entes queridos. Cremos dever fazer, sobre este assunto, diversas recomendações importantes aos médiuns. Primeiro o de não acederem a esse desejo senão com reserva, no tocante a pessoas de cuja sinceridade não estejam suficientemente seguros, ede se manterem vigilantes contra as armadilhas que pessoas malfazejas lhes podem preparar. Segundo, de não se prestarem, sob nenhum pretexto, a essas evocações, se perceberem de curiosidade e de interesse e não uma intenção séria de parte do evocador, de se recusarem a servir para qualquer questão ociosa ou que não esteja no âmbito das que racionalmente se podem propor aos espíritos. As perguntas devem ser feitas com clareza, nitidez e sem segundas intenções para se obterem respostas positivas. É necessário repelir todas as que tiverem um caráter insidioso, pois os espíritos não gostam das que ter por fim submetê-los à prova. Insistir em perguntas dessa natureza é o mesmo que querer ser enganado. O evocador deve dirigir-se franca e abertamente ao alvo, sem subterfúgios e rodeios inúteis. Se ele teme explicar-se é melhor que se abstenha.

É também conveniente só com muita prudência fazer evocações na presença das pessoas que as pedem, e no mais das vezes é mesmo preferível não fazê-las se estas estejam ausentes. Porque somente essas pessoas estão aptas a controlar as respostas, a julgar a identidade do espírito, a provocar os esclarecimentos que as respostas suscitarem e a fazer as perguntas ocasionais a que as circunstâncias podem levar. Além disso, sua presença é um motivo de atração para o espírito, geralmente pouco disposto a se comunicar com estranhos pelos quais não tem nenhuma simpatia. Em suma: o médium deve evitar tudo o que possa transformá-lo em instrumento de consultas, o que, para muita gente equivale a ledor da sorte.

Espíritos que se podem evocar

Podemos evocar todos os espíritos, seja qual for o grau da escala a que pertençam: os bons e os maus, os que deixaram recentemente a vida e os que vieram nas épocas mais distantes, os homens ilustres e os mais obscuros, os nossos parentes, os nossos amigos e os que nos foram indiferentes. Mas isso não quer dizer que eles sempre queiram ou possam atender ao nosso apelo. Independente da sua própria vontade ou de não terem a permissão de um poder superior, eles podem estar impedidos por motivos que nem sempre podemos conhecer. O que desejamos dizer é que não há nenhum impedimento de ordem geral às comunicações, salvo o de que trataremos a seguir. Os obstáculos à manifestação são quase sempre de ordem individual e freqüentemente decorrem das circunstâncias.

Entre as causas que podem opor-se à manifestação de um espírito, umas estão nele mesmo e outras lhe são estranhas. Devemos colocar entre as primeiras as suas ocupações ou as missões que desempenha, das quais não pode se afastar para atender aos nossos desejos. Nesse caso a sua manifestação fica apenas adiada.

Mas há também a sua própria situação. Embora a encarnação não seja um obstáculo absoluto, pode constituir um impedimento em certas ocasiões, principalmente quando se passa em mundos inferiores e quando o próprio espírito é pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, naqueles em que os liames que prendem o espírito à matéria são muito frágeis, a manifes-

tação para o espírito,é quase tão fácil quanto no estado de erraticidade (4), e em todos os casos mais fáceis do que nos mundos em que a matéria corpórea é mais compacta.

As causas estranhas ligam-se principalmente à natureza do médium, à condição da pessoa que evoca ao meio em que faz a evocação e, por fim, ao fim que se propõe. Certos médiuns recebem mais facilmente as comunicações de seus espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros são aptos a servir de intermediários a todos os espíritos.

Isso depende da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o espírito do médium exerce sobre o evocado, que pode tomá-lo por intérprete com satisfação ou com aversão. E depende ainda sem levarmos em conta as qualidades pessoais do médium, do desenvolvimento de sua mediunidade. Os espíritos se apresentam com maior boa vontade e sobre tudo são mais precisos com um médium que não lhes oferece obstáculos materiais. Quando há igualdade no tocante às condições morais, quanto mais apto seja o médium para escrever ou exprimir-se, mais se ampliam as suas relações com o mundo espírita (5).

Devemos ainda considerar a facilidade que resulta do hábito de se comunicar com tal ou tal espírito. Com o tempo, o espírito comunicante se identifica com o do médium e com o do evocador. Independente da questão de simpatia, estabelece-se entre eles relações fluídicas que tornam mais fáceis as comunicações. É por isso que a primeira manifestação nem sempre satisfaz como se desejava, e também que os próprios espíritos pedem sempre para serem evocados de novo. O espírito que se manifesta habitualmente sente-se como em casa: familiariza-se com os ouvintes e os intérpretes, fala e age com mais liberdade.

Em resumo, do que acabamos de expor resulta: que a faculdade de evocar todo e qualquer espírito não implica para o espírito a obrigação de estar às nossas ordens; que ele pode atender-nos numa ocasião e noutra não, com um médium ou com um evocador que o agrade e não com outro; dizer o que quiser, sem poder ser constrangido a dizer o que não quer; retirar-se quando lhe convém; enfim, que em virtude de sua própria vontade ou não, após haver sido assíduo durante algum tempo, pode subitamente deixar de manifestar-se.

Por todos esses motivos, quando se quiser evocar um novo espírito é necessário perguntar ao guia protetor dos trabalhos se a evocação é possível. No caso de não o ser, ele geralmente dá as razões do impedimento e então seria inútil insistir.

Importante questão se apresenta aqui, a de saber se é inconveniente ou não evocar espíritos maus. Isso depende do fim que se propõe e da independência que se pode ter em relação a eles. Não há inconveniente quando se faz a evocação com um fim sério, instrutivo e tendo em vista melhorar-se. Pelo contrário, é muito grande o inconveniente quando se faz por mera curiosidade ou diversão, ou se a gente se coloca sob a sua dependência, pedindo-lhes algum serviço. Os espíritos bons, nesse caso, podem muito bem lhes dar o poder de fazer o que lhes foi pedido, com a ressalva de punir severamente mais tarde o temerário que ousou invocar o seu auxílio, considerando-os mais poderosos que Deus. Será vã a intenção de aplicar no bem o pedido de despedir o servidor após o serviço prestado. Esse mesmo serviço solicitado, por menor que seja, representa um verdadeiro pacto firmado com os maus espíritos, e estes não largam facilmente a presa.

Só pela *superioridade* moral se exerce ascendência sobre os espíritos inferiores. Os espíritos perversos reconhecem a superioridade dos homens de bem. Entretanto alguém que lhes oponha a vontade enérgica, espécie de força bruta, reagem e muitas vezes são os mais fortes. Al-

guém tentava dominar assim um espírito rebelde, aplicando a vontade ,e este lhe respondeu: *Deixa-me em paz com esses ares de mata-mouros, que não vales mais do que eu. Que se diria de um ladrão pregando moral a outro ladrão?*

Estranha-se que o nome de Deus, invocado contra eles, quase sempre não produza efeito. São Luís explicou a razão na resposta seguinte:

"O nome de Deus só tem influência sobre os espíritos imperfeitos na boca de quem pode usá-lo com a autoridade das suas próprias virtudes. Na boca de um homem que não tenha nenhuma superioridade moral sobre o espírito é uma palavra como qualquer outra. Dá-se o mesmo com os objetos sagrados que lhes opõem. A arma terrível é inofensiva em mãos inábeis ou incapazes de usá-la".

Linguagem a usar com os espíritos

O grau de superioridade ou de inferioridade dos espíritos indica naturalmente o tom em que se lhes deve falar. É evidente que quanto mais elevados, mais merecem o nosso respeito, a nossa consideração e a nossa submissão. Não devemos tratá-los com menos deferência do que o faríamos se estivessem vivos, mas por outros motivos: na vida terrena consideraríamos o seu cargo e a sua posição social; no mundo dos espíritos só temos de respeitar a sua superioridade moral. Essa própria elevação os coloca acima das puerilidades das nossas formas bajulatórias. Não é com palavras que podemos conquistar-lhes a benevolência, mas pela sinceridade dos sentimentos. Seria ridículo, portanto, dar-lhes os títulos que usamos na distinção das posições e que em vida poderiam agradar-lhes a vaidade. Se forem realmente superiores, não somente não ligam a isso mas até se desagradam. Um bom pensamento os agrada mais do que os títulos mais lisonjeiros. De outra maneira eles não estariam acima da Humanidade. O espírito de um venerável sacerdote, que foi na Terra um príncipe da Igreja, homem de bem, praticante do ensino de Jesus, respondeu a quem o evocava pelo título de monsenhor. "Devias pelo menos dizer ex-monsenhor, pois aqui só há um Senhor que é Deus. É bom saber que vejo aqui os que se ajoelhavam diante de mim na Terra e diante deles me inclino".

No tocante aos espíritos inferiores, seu próprio caráter determina a linguagem que devemos empregar. Há entre eles os que, embora inofensivos e até mesmo benévolos, são levianos, ignorantes, estouvados. Tratá-los igual aos espíritos sérios, como o fazem algumas pessoas, seria o mesmo que nos inclinarmos diante de um escolar ou perante um asno com barrete de doutor. O tom familiar não lhes causa estranheza e nem os melindra; pelo contrário, é o que lhes agrada.

Entre os espíritos inferiores há os que são infelizes. Sejam quais forem às faltas que expiam, seus sofrimentos merecem tanto mais a nossa piedade, quanto ninguém escapa a estas palavras do Cristo. "Aquele que está sem pecado atire a primeira pedra". A benevolência com que os tratamos é um consolo para eles. Na falta de simpatia, que encontrem em nós a indulgência que desejaríamos para nós mesmos.

Os espíritos que demonstram a sua inferioridade pelo cinismo da linguagem, pelas mentiras, pelos sentimentos baixos e os conselhos pérfidos são certamente menos dignos do nosso interesse do que aqueles cujas palavras atestam o seu arrependimento, mas devemos tratá-los pelo menos com a piedade que nos inspiram os grandes criminosos. O meio de os reduzir ao silêncio é nos mostrarmos superiores a eles, pois só estabelecem intimidade com pessoas de que

nada tenham a temer. Porque os espíritos perversos reconhecem a superioridade dos homens de bem, como reconhecem a dos espíritos superiores.

Em resumo: seria irreverente tratarmos os espíritos superiores de igual para igual, como seria ridículo dispensarmos a todos, sem exceção, a mesma deferência.

Tenhamos veneração pelos que a merecem, reconhecimento pelos que nos protegem e assistem, e para todos os outros a benevolência de que talvez nós mesmos necessitemos um dia. Descobrindo o mundo incorpóreo aprendemos a conhecê-lo e esse conhecimento deve regular as nossas relações com os seus habitantes. Os Antigos, na sua ignorância, levantaram altares a eles. Para nós, não passam de criaturas mais ou menos perfeitas e só elevamos altares a Deus.

A utilidade das evocações particulares

As comunicações dos espíritos superiores ou dos que animaram grandes personagens da Antiguidade são valiosas por seus elevados ensinamentos. Esses espíritos atingiram um grau de perfeição que lhes permite abranger mais amplo círculo de idéias, desvendar mistérios que ultrapassam as possibilidades humanas e iniciar-nos assim, melhor do que outros, em certas questões. Mas isso não quer dizer que as comunicações dos espíritos de ordem menos elevada sejam inúteis, pois o observador pode instruir-se com elas. Para conhecer os costumes de um povo é necessário estudá-lo em todas as suas camadas. Quem apenas o observar num dos seus aspectos o conhece mal. A história de um povo não é a dos seus reis ou dos seus expoentes sociais. Para julgá-lo é necessário pesquisar a sua vida íntima, os seus hábitos particulares. Ora, os espíritos superiores são os expoentes do mundo espírita, sua própria elevação coloca-os de tal maneira acima de nós que nos assombramos com a distância que os separam de nós.

Os espíritos mais burgueses (que nos revelem esta expressão) nos tornam mais palpáveis as condições de sua nova existência. A ligação entre a vida corpórea e a vida espírita é neles mais estreita e podemos compreendê-la melhor, porque nos toca mais de perto. Aprendendo por eles mesmos o processo de sua transformação, como pensam e o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os caracteres, os homens de bem e os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os infelizes do nosso próprio século, numa palavra: os que viveram entre nós, que vimos e conhecemos, cuja vida real pudemos conhecer com suas virtudes e seus erros, compreendemos melhor suas alegrias e seus sofrimentos, partilhamos de umas e de outros e tiramos de ambos o ensino moral. Este ensino é tanto mais proveitoso quanto mais íntimas forem as ligações entre eles e nós. É mais fácil nos colocarmos no lugar daquele que foi nosso igual do que de outro que apenas vemos através da miragem de uma glória celestial. Os espíritos vulgares nos mostram o resultado prático das grandes e sublimes verdades de que os espíritos superiores nos dão a teoria. Aliás, no estudo de uma ciência nada é inútil. Newton descobriu a lei das forças universais no mais simples fenômeno.

A evocação dos espíritos vulgares tem ainda a vantagem de nos pôr em relação com os espíritos sofredores, aos quais podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar com bons conselhos. Assim, podemos ser úteis ao mesmo tempo em que nos instruímos. Há egoísmo em só procurar a própria satisfação nas relações com os espíritos. Aquele que deixa de estender a mão aos desgraçados dá prova de orgulho. De que lhe serve obter belas comunicações de espíritos elevados, se isso não o torna melhor, mais caridoso e mais benevolente para os seus irmãos deste e do outro mundo? Que seria dos pobres doentes se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas?

1) Extraído de: O Livro dos Médiuns, Caítulo 25, Das Evocações, ítens 269-281.
2) Na Mesa Branca, especialmente nas linhas cristãs evangélicas e espiritualistas cristãs, as evocações são feitas literalmente "em nome de Jesus". Esta doutrina parte do princípio de que Deus deu total autoridade ao seu Filho para exercer domínio sobre o nosso planeta e por isso mesmo todas as coisas lhe estão sujeitas, por esta razão que ele disse: *"É-me dado todo o poder no céu e na terra"* (S.Mateus 28:18); *"Sem mim nada podeis fazer"* (S. João 15:5). Desde os primeiros cultos cristãos até hoje, evocar o "nome de Jesus", especialmente para receber ou dar instruções, tem sido uma prática constante (Colossenses 3:17).
3) *Médiuns Flexíveis:* aqueles cujas faculdades se prestam mais facilmente aos diversos gêneros de comunicações, e pela qual todos os Espíritos, ou quase todos, podem se manifestar, espontaneamente ou por evocação; esta variedade de médiuns se aproxima muito da dos médiuns sensitivos. *Médiuns Positivos:* suas comunicações têm, em geral, um caráter de clareza e de precisão que se presta voluntariamente aos detalhes circunstanciais, às notícias exatas. Bastante raros.
4) Erraticidade: estado dos espíritos não encarnados durante os intervalos de suas existências corporais.
5) Kardec usava a expressão "mundo espírita" para designar o mundo dos espíritos.

Capítulo VI
Conhecendo as Faculdades Mediúnicas

Já foi dito que a mediunidade é algo inerente ao homem e que por isso mesmo não constitui privilégio de ninguém, entretanto, existem aqueles que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade. O propósito deste capítulo é, pois, ajudar aos leitores a descobrirem por si mesmos quais as faculdades que possuem ou como os espíritos podem atuar segundo a mediunidade de cada um.

Faculdade de Efeitos Físicos

Quem possui esta faculdade mediúnica é particularmente capaz de produzir fenômenos materiais como os movimentos dos corpos inertes, os ruídos tipos pancadas, estalos, etc. Os médiuns que assim foram dotados, comumente são divididos em duas categorias: os *facultativos* e os *involuntários (ou naturais)*.

Na mediunidade de efeitos físicos na forma facultativa, o médium têm consciência do seu poder e produz fenômenos dessa natureza pela própria vontade. Essa faculdade embora inerente à espécie humana, como dissemos, não se manifesta em todos no mesmo grau. Mas se são poucas as pessoas que não a possuem, ainda mais raras são as que produzem grandes efeitos como a suspensão de corpos pesados no espaço, o transporte através do ar e sobretudo as aparições.

Os efeitos mais simples são o da rotação de um objeto, de pancada por meio de movimentos desse objeto ou dadas interiormente na sua própria substância. Sem se dar importância capital a esses fenômenos, achamos que não devem ser menosprezados. Podem proporcionar interessantes observações e contribuir para firmar a convicção. Mas convém notar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente se manifesta entre os que dispõem de meios mais perfei-

tos de comunicação, como a escrita e a palavra. Geralmente a faculdade diminui num sentido à medida que se desenvolve em outro.

Esta faculdade na forma *involuntária* faz com que os médiuns exerçam a sua influência sem querer ou de forma inconsciente, ou seja, ele não têm nenhuma consciência do seu poder e por incrível que pareça, quase sempre o que acontece de anormal ao seu redor não lhe parece estranho. Essas coisas fazem parte da sua própria maneira de ser, precisamente com as pessoas dotadas de segunda vista (faculdade de ver os espíritos) e que nem o suspeitam. Essas pessoas são dignas de observação e não devemos descuidar de anotar e estudar os fatos dessa espécie que possam chegar ao nosso conhecimento. Esta faculdade surge em todas as idades e freqüentemente entre crianças ainda pequenas.

Esse tipo de mediunidade não é, por si mesma, indício de estado patológico, pois não é incompatível com a saúde perfeita. Se a pessoa que a possui é doente, isso provém de outra causa. Os meios terapêuticos aliás, são impotentes para fazê-la desaparecer. Em alguns casos ela pode aparecer depois de uma certa fraqueza orgânica, mas esta não é jamais a sua causa eficiente. Não seria razoável, portanto, inquietar-se com ela no tocante à saúde. Só haveria inconveniente se a pessoa, tornando-se médium facultativo, a usasse de maneira abusiva, pois então poderia ocorrer excessiva emissão de fluido vital, determinando enfraquecimento orgânico.

A razão se revolta a lembranças das torturas morais e físicas a que a Ciência submeteu, algumas vezes, criaturas débeis e delicadas, com o fim de evitar que praticassem fraudes. Essas experimentações, na maioria das vezes feitas com más intenções, são sempre prejudiciais aos organismos sensitivos, podendo acarretar graves desordens à sua economia orgânica. Fazer semelhantes provas é jogar com a vida. O observador de boa fé não precisa empregar esses meios. Os que estão familiarizando com esses fenômenos sabem, aliás, que eles pertencem mais à ordem moral do que à ordem física, e que em vão se buscará a sua solução nas nossas Ciências exatas.

Pelo fato mesmo de pertencerem esses fenômenos à ordem moral deve-se evitar, com um cuidado não menos rigoroso, todos os motivos de super excitação da imaginação. Sabem-se quantos acidentes pode produzir o medo, e haveria menos imprudência se conhecêssemos todos os casos de loucuras e de neurose provocados pelas estórias de lobisomens e dragões. Que aconteceria, então, se pudesse persuadir a todos que se trata do diabo? Os que procuram convencer os outros dessas idéias não sabem a responsabilidade que assumem: eles podem matar! Ora, esse perigo não existe apenas para o paciente, mas também para os que o cercam e podem apavorar-se ao pensar que sua casa se tornou um covil de demônios.

Foi essa crença funesta que produziu tantos atos de atrocidade nos tempos de ignorância. Bastaria, entretanto, um pouco de discernimento para compreenderem que, ao queimar os corpos considerados como possessos do diabo, não queimavam o diabo. Desde que desejavam livrar-se do diabo, era a este que deviam matar. A Doutrina Espírita, esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, dá nessa crença o golpe de misericórdia. *Longe, pois, de sugerir essa idéia, deve-se, e é esse um dever de moralidade e humanidade, combatê-la onde quer que apareça.*

O que se deve fazer, quando uma faculdade dessa espécie se desenvolve espontaneamente numa pessoa, é deixar que os fenômenos sigam o seu curso natural: a Natureza é mais sábia que os homens. A Providência, aliás, tem os seus planos e a mais humilde criatura pode servir

de instrumento aos seus mais amplos desígnios. Mas devemos convir que os fenômenos, assumem, às vezes, proporções fatigantes e importunas para todos.

Em todos esses casos convém fazer o que passamos a explicar. No Livro dos Médiuns, capítulo V, é tratado sobre as Manifestações Físicas Espontâneas, ali é dado alguns conselhos a respeito, dizendo que é necessário estabelecer relações com o espírito para saber o que ele deseja. O meio seguinte é igualmente baseado na observação.

Os seres invisíveis que revelam sua presença por efeitos sensíveis são, em geral, espíritos de uma ordem inferior, que podemos dominar pela ascendência moral. É essa condição de superioridade que devemos procurar adquirir.

Para obter essa condição é necessário fazer a pessoa passar do estado de *médium involuntário* para de *médium facultativo*. Produz-se então um efeito semelhante ao que se verifica no sonambulismo. Sabe-se que o sonambulismo natural cessa geralmente ao ser substituído pelo sonambulismo magnético. Não se extingue a faculdade de desprendimento da alma, mas dá-se-lhe outro curso. O mesmo acontece com a faculdade mediúnica. Para isso, em vez de impedir as manifestações, o que raramente se consegue e nem sempre está livre de perigo, é necessário levar o médium a produzi-las por sua vontade, impondo-se ao espírito. Dessa maneira, o médium chega a sujeitá-lo, e de um dominador, às vezes tirano, faz um subordinado, freqüentemente bastante dócil.

Fato digno de nota e que a experiência confirma é que uma criança, nesse caso, tem a mesma, e muitas vezes maior autoridade que um adulto. É outra prova a favor desse princípio fundamental da Doutrina, segundo o qual o espírito só é criança pelo corpo, tendo em si mesmo um desenvolvimento anterior à sua encarnação atual, que pode lhe conferir ascendência sobre espíritos que lhe são inferiores. A moralização do espírito pelos conselhos de uma pessoa influente e experimentada, se o médium não estiver em condições de fazê-lo, é quase sempre um meio muito eficaz.

É a esta categoria mediúnica, ao que parece, que deviam pertencer às pessoas dotadas de uma certa carga de eletricidade natural, verdadeiro torpedo humano, produzindo por simples contato todos os efeitos de atração e repulsão. Seria errôneo, entretanto, considerá-las como médiuns, porque a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um espírito. Ora, as experiências provaram, de maneiras conclusivas, que nesse caso a eletricidade é o único agente dos fenômenos. Essa estranha faculdade, que quase se poderia chamar de doença, pode às vezes ligar-se à mediunidade, como se vê no caso do *espírito batedor de Bergzabern*, mas na maioria das vezes é completamente independente. Segundo dissemos, a única prova da intervenção dos espíritos é o caráter inteligente das manifestações. Todas as vezes que esse fator não existir é lógico atribuir-se os fatos a causas puramente físicas. Resta a questão de saber se as *pessoas elétricas* teriam maior aptidão para se tornarem médiuns de efeitos físicos. Acreditamos que sim, mas isso só poderia ser verificado pela experiência.

Faculdade Sensitiva ou Impressionável

É assim designada a mediunidade que faz às pessoas capazes de sentir a presença dos espíritos por uma vaga impressão, uma espécie de arrepio geral que elas mesma não sabem o que seja. Esta variedade não apresenta caráter bem definido. Todos os médiuns são necessariamente impressionáveis, de maneira que a impressionabilidade é antes uma qualidade geral do que especial: é a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras. Difere

da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual não se deve confundi-la, pois há pessoas que não têm nervos delicados e sentem mais ou menos a presença dos espíritos, ao passo que outras muito suscetíveis absolutamente não os percebem.

Essa faculdade se desenvolve com o hábito e pode atingir uma tal sutileza que a pessoa dotada reconhece, pela sensação recebida, não só a natureza boa ou má do espírito que se aproximou, mas também a sua individualidade como o cego reconhece, por um certo não sei o que, aproximação desta ou daquela pessoa. Ela se torna, em relação aos espíritos, um verdadeiro sensitivo. Um bom espírito produz sempre uma impressão suave e agradável; a de um mau espírito, pelo contrário é penosa, angustiosa e desagradável; tem como que um cheiro de impureza.

Faculdade Auditiva

Quem tem esta mediunidade ouve a voz dos espíritos. É algumas vezes uma voz interna que se faz ouvir no foro íntimo. De outras vezes é uma voz externa, clara e distinta como a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem assim conversar com os espíritos. Quando adquirem o hábito de comunicar-se com certos espíritos, os reconhecem imediatamente pelo timbre da voz. Quando não se possui essa mediunidade, pode-se também comunicar com um espírito através do médium que tem esta faculdade, que exerce o papel de intérprete.

Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só ouve espíritos bons ou somente aqueles que ele chama. Mas não se dá o mesmo quando um espírito mau se apega a ele, fazendo-lhe ouvir a cada minuto as coisas mais desagradáveis e algumas vezes mais inconvenientes. É necessário então tratar de desembaraçar-se, pelos meios que indicaremos mais adiante no capítulo sobre *Obsessão*.

Faculdade Psicofônica ou dos Médiuns Falantes

Mediunidade pela qual o espírito fala através do médium. Os espíritos agem sobre os órgãos vocais, como agem sobre as mãos nos médiuns escreventes. O espírito se serve para a comunicação dos órgãos mais flexíveis que encontra no médium. De um empresta as mãos, de outro as cordas vocais e de um terceiro os ouvidos. O médium falante em geral se exprime sem ter consciência do que diz, e quase sempre tratando de assuntos estranhos às suas preocupações habituais, fora de seus conhecimentos e mesmo do alcance de sua inteligência. Embora esteja perfeitamente desperto e em condições normais raramente se lembra do que disse. Numa palavra, a voz do médium é apenas um instrumento que o espírito se serve e com a qual outra pessoa pode conversar com este, como o faz no caso de médium audiente. Mas nem sempre a passividade do médium falante é assim completa. Há os que têm intuição do que estão dizendo, no momento em que pronunciam as palavras.

Faculdade de Incorporação

Quando o espírito assume total controle do corpo do médium expressando-se através dele. Nesse tipo de mediunidade e na maioria das vezes, o médium não se lembra de nada do que o espírito fez ou disse através dele. Sua feição e sua voz mudam completamente, fala e age de forma totalmente diferente pois é o espírito que está usando o corpo o médium para se comunicar no plano físico.

Faculdade de Doutrinação

É a mediunidade capaz de dar ao médium a força, a sabedoria e a autoridade necessária para conversar e tratar dos maus espíritos com vistas a doutrinar e convencê-los a deixar de praticar o mal contra sua vítima.

Faculdade da Vidência ou dos Médiuns Videntes

Neste tipo de mediunidade os médiuns são dotados da faculdade de ver os espíritos. Há os que gozam dessa faculdade em estado normal, perfeitamente acordados, guardando lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico ou aproximado do sonambulismo. É raro que esta faculdade seja permanente , sendo quase sempre o resultado de uma crise súbita e passageira. Podemos incluir na categoria de médiuns videntes todas as pessoas dotadas de segunda-vista. A possibilidade de ver os espíritos em sonho é também uma espécie de mediunidade, mas não constitui propriamente a mediunidade de vidência.

O médium vidente acredita ver pelos olhos, como os que tem a dupla-vista, mas na realidade é a alma que vê, e por essa razão eles tanto vêem com os olhos abertos ou fechados. Dessa maneira, um cego pode ver os espíritos como os que têm visão normal.

Seria interessante fazer um estudo sobre esta questão, verificando se essa faculdade é mais freqüente nos cegos. Espíritos que viveram na Terra como cegos nos disseram que tinham, pela alma, a percepção de alguns objetos e que não estavam mergulhados numa escuridão completa.

Devemos distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os espíritos. As primeiras ocorrem com mais freqüência no momento da morte de pessoas amadas ou conhecidas, que vêm advertir-nos de sua passagem para o outro mundo. Há numerosos exemplos de casos dessa espécie, sem falar das ocorrências de visões durante o sono. De outras vezes são parentes ou amigos que, embora mortos há muito tempo, aparecem para nos avisar de um perigo, dar um conselho ou pedir ajuda. Essa ajuda é sempre a execução de um serviço que ele não pôde fazer em vida ou o socorro das preces.

Essas aparições constituem fatos isolados, tendo um caráter individual e pessoal. Não constituem, pois, uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos freqüente, de ver os espíritos que se aproximam, mesmo que estranhos. É essa faculdade que define o médium vidente.

Entre os médiuns videntes há os que vêem somente os espíritos evocados, podendo descrevê-los nos menores detalhes dos seus gestos, da expressão fisionômica, os traços característicos do rosto, as roupas e até mesmo os sentimentos que revelam. Há outros que possuem a faculdade em sentido mais geral, vendo toda a população espírita do ambiente ir e vir e, poderíamos dizer, entregue a seus afazeres.

A faculdade de ver os espíritos pode sem dúvida se desenvolver, mas é uma dessas faculdades cujo desenvolvimento deve processar-se naturalmente, sem que o provoque, se não se quiser expor-se às ilusões da imaginação. Quando temos o germe de uma faculdade, ela se manifesta por si mesma. Devemos, por princípio, contentar-nos com aquelas que Deus nos concedeu, sem procurar o impossível. Porque então, querendo ter demais, arrisca-se a perder o que se tem.

Faculdade da Cura

Esta mediunidade consiste principalmente no dom de curar por simples toques, pelo olhar ou mesmo por um gesto, sem nenhuma medicação. Certamente dirão que se trata simplesmente de magnetismo. É evidente que o fluido magnético exerce um grande papel no caso. Mas, quando se examina o fenômeno com devido cuidado, facilmente se reconhece à presença de mais alguma coisa.

A magnetização comum é uma verdadeira forma de tratamento, com a devida seqüência, regular e metódica. No caso referido as coisas se passam de maneira inteiramente diversa. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se souberem cuidar do assunto convenientemente. Mas entre os médiuns curadores a faculdade é espontânea, e às vezes a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que caracteriza a mediunidade, torna-se evidente em certas circunstâncias. E o é, sobretudo, quando consideramos que a maioria das pessoas qualificáveis como médiuns curadores recorrem à prece, que é uma verdadeira evocação.

Faculdade Pneumatográfica

Essa designação corresponde aos médiuns que tem aptidão para obter a *escrita direta* ou a *pneumatografia*, que é a escrita produzida pelos espíritos sem o concurso da mão o médium ou de uma caneta. Essa faculdade é por enquanto muito rara. Provavelmente se desenvolve por exercício. Mas sua utilidade prática se limita à comprovação evidente da intervenção de uma potência oculta nas manifestações. Só a experiência pode revelar se a gente a possui. Pode-se, pois, experimentar, como se pode interrogar um espírito protetor através de outras formas de comunicação.

Segundo a maior ou menor potência do médium, obtém-se apenas traços, sinais, letras, palavras, frases ou até mesmo páginas inteiras. Basta geralmente se colocar uma folha de papel dobrado em algum lugar, ou em lugar designado pelo espírito, durante dez minutos, um quarto de hora ou um pouco mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais. Eis porque podemos considerar impossíveis obtê-la em reuniões pouco sérias ou de pessoas que não estejam animadas de sentimentos de simpatia e benevolência.

Faculdade Psicográfica

Mediunidade que produz a escrita de um espírito através da mão do médium. Divide-se em quatro tipos diferentes: a mecânica, intuitiva, semi-mecânica e a inspirada.

<u>Psicografia mecânica:</u> Quando o espírito age diretamente sobre a mão do médium, dando-lhe uma impulsão completamente independente da vontade. Ela avança sem interrupção e contra a vontade do médium, enquanto o espírito tiver alguma coisa a dizer, e pára quando ele o disser.

Nesse tipo de psicografia o médium não tem a menor consciência do que escreve.

<u>Psicografia intuitiva:</u> Nesse tipo, o espírito não atua diretamente sobre a mão mas age sobre a alma do médium, com a qual se identifica. O médium, sob um impulso intuitivo dirige a mão e a mão o lápis ou a caneta. Nesta situação, portanto, o médium tem consciência e controle do que escreve, embora não seja seu próprio pensamento.

Psicografia semi-mecânica: Neste caso o médium participa dos dois tipos acima descrito; sente uma impulsão dada à sua mão independente de sua vontade e, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam.

Psicografia inspirada: É quando o espírito transmite uma inspiração ao médium, que recebe pelo pensamento, no estado normal ou em êxtase. O médium recebe uma inspiração para escrever algo ou tratar de um assunto qualquer. As idéias e as mensagens são sempre estranhas às idéias preconcebidas do médium.

Faculdade de Transmissão Fluídica
ou dos Médiuns Passistas

Quando o espírito usa as mãos do médium como canal de transmissão dos fluidos, comumente conhecida por “passes magnéticos”. O médium é usado para uma transfusão de energias psicofísicas com o intuito de alterar o corpo celular de uma pessoa. Dependendo da categoria do espírito e dos objetivos dos passes, são normalmente usados para a cura e restauração de energias.

Capítulo VII
Sessão de Estudos – Parte I

Este capítulo apresenta várias questões importantes que tratamos durante as sessões particulares de estudos e julgamos por bem adicionar a esta obra devido as instruções relevantes que as mesmas apresentam.

Como garantir a verdade nos ensinamentos dos espíritos?

O primeiro controle é, sem contradita, o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos espíritos; toda teoria em contradição manifesta com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possui, com qualquer nome respeitável que esteja assinada, deve ser rejeitada. Mas esse controle é incompleto em muitos casos, em conseqüência da insuficiência de luzes de certas pessoas, e da tendência de muitos em tomar seu próprio julgamento por único árbitro da verdade. Em semelhante caso, que fazem os homens que não têm em si mesmos uma confiança absoluta? Eles tomam o conselho de maior número, e a opinião da maioria é seu guia. Assim deve ser com respeito ao ensinamento dados pelos espíritos, que nos fornecem, eles mesmos, os meios de controle (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução, Parte II-Autoridade da Doutrina Espírita, Controle Universal dos Ensinamentos dos Espíritos, 7º §.1).

No caso de mensagens de cunho religioso, que falam sobre o Cristo e os seus ensinamentos, é preciso ter aí uma maior atenção uma vez que a nossa razão por vezes pode nos fazer errar, dado a dificuldade que muitas vezes se apresenta na interpretação das palavras de Jesus. A razão deve ser usada, portanto, com base no Evangelho para decidir se um ensinamento é ou não verdadeiro, pois vários espíritos podem dizer uma mesma coisa sobre Jesus e os evangelhos dizer algo totalmente contrário. Tal é o caso da doutrina que ensina que Jesus não teve um corpo físico como o nosso e sim um corpo fluídico concretizado, com todas as aparências da materialidade e de fato um agênere. Neste caso, Jesus estaria fingindo estar encarnado, desde o seu nascimento até a sua morte, que teria sido também um simulacro, uma verdadeira encenação

teatral. Essa doutrina surgiu na época em que se codificava a Doutrina Espírita e foi recebida pelo sr. Roustaing através de vários espíritos dentre os quais diziam ser os "apóstolos", ou seja, aqueles que caminharam lado a lado com o Mestre em sua jornada messiânica. Allan Kardec, ao analisar esta questão, disse: “A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde a sua concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias de sua vida, revela caracteres inequívocos de corporeidade. (...) também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente.

Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais. Se as condições de Jesus, durante sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido, é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. (...) e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra, ele teria abusado da boa fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as conseqüências lógicas desse sistema, conseqüências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem. Jesus teve, pois, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.” (A Gênese segundo o Espiritismo, cap. XV, itens 65 e 66)

O Espírito Consolador prometido por Jesus
é uma entidade espiritual ou uma doutrina?

Existe muita confusão sobre esta questão, principalmente no meio espírita e isso vem da interpretação obtida na leitura de O Evangelho Sengundo o Espiritismo sobre esse assunto. Para estudar melhor e mais profundamente esse problema torna-se necessário colocar aqui as palavras do Mestre para este efeito:

1º- "Se vós me amais, guardai meus mandamentos; e eu pedirei a meu Pai, e ele vos enviará um outro consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco: o Espírito de Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis porque permanecerá convosco e estará em vós. Mas o consolador, que é o Santo-Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará relembrar de tudo aquilo que eu vos tenha dito. (São João, cap. XIV, v. 15, 16, 17 e 26).

2º - "Muitas das coisas que vos digo, não podeis ainda compreendê-las, e tenho, para vos dizer, muitas outras que não compreenderíeis; por isso vos falo por parábolas; mais tarde porém, vos enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas." (João, cap. XIV; XVI; Mat. cap. XVII).

Por estas palavras pode-se ver claramente que Jesus se refere ao "Santo-Espírito" como o Consolador Prometido. Nestas referências pode-se observar também que este "Santo-Espírito" é o "Espírito de Verdade".

O que se percebe aqui é que, quando Jesus fala sobre o Consolador, ele está se referindo não a uma doutrina mas a um ser espiritual e individual, que denomina de "Santo-Espírito" e também de "Espírito de Verdade". A partir disso entende-se, portanto, que o Consolador não é a Doutrina Espírita ou o Espiritismo como alguns tentam defender e sim o Espírito que a revelou.

E, de fato, o próprio Espírito de Verdade diz em suas mensagens: "Revelei a Doutrina divina", "Venho ensinar e consolar os pobres deserdados", "Sou o grande médico das almas" (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. I, itens 5,6 e 7).

Como resolver então a afirmação de Kardec quando diz que o Consolador é o Espiritismo? Observemos que em nenhum instante o Espírito de Verdade diz que a Doutrina Espírita é o Consolador, pelo contrário, ele mesmo se revela como o próprio Consolador ao dizer "Venho ensinar e consolar os pobres deserdados". A afirmação de que a Doutrina Espírita seria o Consolador prometido por Jesus é, pois, uma opinião pessoal para se dar mais autoridade aos ensinamentos dos espíritos.

Qual a forma dos corpos dos espíritos encarnados em outros mundos?

Diz-se que "a forma do corpo é sempre, como por toda a parte, a forma humana". Como seriam esses corpos, sobre tudo em mundos distantes do Sol, privados de sua luz e do seu calor?

Para começar a elucidar essa questão trazemos a lume uma das perguntas de Allan Kardec sobre a questão:

"A constituição física dos mundos não sendo a mesma para todos, seguir-se-á tenham organização diferente dos seres que os habitam?" (O Livro dos Espíritos, questão nº 57).

Então o Espírito lhe respondeu, dizendo: "Sem dúvida, como para vós os peixes são feitos para viverem na água e os pássaros no ar".

A forma humana de que se refere Kardec é aquela constituída de cabeça, tronco, braços e pernas, essa seria a forma humana universal de todos os seres que habitam os mais diferentes mundos, independe de sua constituição física ou material (da matéria existente em cada planeta). A constituição ou propriedades dos corpos estão relacionados com o mundo em que os espíritos habitam.

Existem entre nós espíritos de outros planetas?

Todos os espíritos que vivem na Terra são espíritos de homens ou também existem entre nós espíritos alienígenas?

Muitos espíritos tem se encarnado aqui na Terra vindos de mundos distantes para nos ajudar na evolução, outros, foram confinados aqui para expiar suas faltas passadas e terem mais uma oportunidade na escala evolutiva da Humanidade universal. Convivemos também com espíritos de extraterrestres que não habitam em corpos físicos como os nossos (poderia se dizer, em particular, que estariam desencarnados, mas este não seria o termo correto uma vez que em suas existências anteriores, animavam corpos muito diferentes dos nossos).

O que é reencarnação?

É uma doutrina baseada na pluralidade das existências que ensina sobre o retorno do espírito a vida corpórea aqui na Terra ou em mundos semelhantes, ou seja, onde a alma nasce novamente em um corpo carnal ou de carne, daí o termo "reencarnação". Em mundos distantes do

nosso onde os seres assumem um outro tipo de corpo ou matéria, esse termo não seria correto pois o espírito não estaria ali se reencarnando, isto é, assumindo um corpo de matéria orgânica.

Através da reencarnação o espírito retorna à vida corporal, mas em um outro corpo novamente formado para ele, e que nada tem de comum com o antigo.

Por que católicos e protestantes não crêem na reencarnação?

Não crêem porque pensam que a Bíblia nada fala sobre isso (um erro) e porque acham que essa doutrina anula o sacrifício salvítico do Cristo (outro grande erro). Uma das missões de Jesus foi morrer pelos pecados da Humanidade terrestre sim, pois somente com o seu ato sacrificial é que os homens puderam ter acesso a luz do conhecimento e uma esperança para o novo mundo que está para vir, mundo de regeneração, onde os espíritos que não quiserem aceitar e praticar o evangelho não poderão ir. Jesus como governador desse planeta pagou esse preço para nos dar a esperança e a certeza de uma vida melhor, como disse: "vida com abundância", basta segui-lo

Católicos e protestantes e não crêem porque ainda não atingiram o grau de adiantamento necessário para compreender esse processo. O meu pai por exemplo, era um crente fanático da igreja evangélica, tipo daquele que não podia nem ter televisão em casa porque era pecado, até que descobriu mais tarde que o seu pastor presidente tinha uma em casa, daí ele começou a acordar para a realidade e começar a ver a coisas erradas que não faziam sentido, que não era racional, começou a ter uma nova visão das coisas, mais tarde, ouvindo as pregações do saudoso Auziro Zarur, sua mente despertou para a crença da doutrina na reencarnação e por fim, dado as diversas experiências mediúnicas que teve em sua vida se tornou um espiritualista.

Em minha concepção, quando uma pessoa chega ao entendimento das coisas reveladas pelo Espiritismo com certeza já conquistaram um grau de adiantamento capaz de se livrar das “amarras” de certas religiões que cultivam mais as práticas exteriores do que a reforma íntima. Espíritas e espiritualistas acreditam na reencarnação, pois além de já estarem adiantados espiritualmente neste aspecto, sabem na verdade que somente ela é que pode explicar e justificar todas as anomalias e aparentes injustiças que a vida corpórea.

O que os evangelhos dizem sobre a reencarnação?

Abaixo apresentamos um estudo desta doutrina com base nos evangelhos.
Textos base: São Mateus 16:13 a 17; São Marcos 8:27 a 30;São Marcos 6:14 e 15; São Lucas 9:7, 8 e 9;São Mateus 17:10 a 13; São Marcos 9:11, 12, e 13;São João 3:1 a 12.

Os evangelhos mostram claramente o processo da reencarnação na vida do profeta João Batista que anteriormente, vivia como profeta Elias.

O pensamento de que João Batista era Elias e que os profetas poderiam reviver sobre a Terra, se encontra em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas relatadas acima. Se essa crença tivesse sido um erro, Jesus não teria deixado de combatê-la, como combateu tantas outras; longe disso, ele sancionou-a com toda a sua autoridade, e colocou-a como princípio e como uma condição necessária quando disse: Ninguém pode ver o reino dos céus se não nascer de novo; e insiste, ajuntando: Não vos espanteis do que eu vos disse, que É PRECISO que nasçais de novo.

Estas palavras: *"Se um homem não renasce da água e do Espírito",* foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo; mas o texto primitivo trazia simplesmente: Não re-

nasce da água e do Espírito, ao passo que, em certas traduções, a do Espírito se substituiu: do Santo-Espírito, o que não responde mais ao mesmo pensamento.

Para compreender o sentido verdadeiro dessas palavras, é preciso igualmente se reportar à significação da palavra água que não era empregada na sua acepção própria.

Os conhecimentos dos antigos, sobre as ciências físicas, eram muito imperfeitos, pois acreditavam que a Terra tinha saído das águas e, por isso, consideravam a água como o elemento gerador absoluto; é assim que na Gênese está dito: *"o Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava na superfície das águas; que o firmamento seja feito no meio das águas; que as águas que estão abaixo do céu se reúnam em um só lugar, e que o elemento árido apareça; que as águas produzam os animais vivos que nadem na água e os pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento."*

Segundo essa crença, a água tornara-se o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: *"Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito", significam, pois: "Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma."* Neste sentido é que foram compreendidas no princípio.

Essa interpretação, aliás, está justificada por estas outras palavras: o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito. Jesus faz aqui uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. O que é nascido da carne é carne, indica claramente que só o corpo procede do corpo, e que o Espírito é independente do corpo.

O Espírito sopra onde quer; ouvis sua voz, mas não sabeis nem de onde ele vem, nem para onde ele vai, pode se entender como o Espírito de Deus, que dá a vida a quem ele quer, ou a alma do homem; nesta última acepção, *"vós não sabeis de onde ele vem, nem para onde ele vai"* significa que não se conhece o que ele foi, nem o que o Espírito será. Se o espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saber-se-ia de onde veio, uma vez que se conheceria seu começo. Como quer que seja, essa passagem é a consagração do princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, da pluralidade das existências.

O Evangelho diz: *"Ora, desde o tempo de João Batista, até o presente, o reino dos Céus é tomado pela violência, e são os violentos que o obtêm; porque, até João, todos os Profetas assim também como a lei, profetizaram; e se quereis compreender o que vos disse, é ele mesmo o Elias que deve vir.Ouça aquele que tem ouvidos para ouvir."*(São Mateus 11:12 a 15).

Se o princípio da reencarnação, expresso em São João, podia, a rigor, ser interpretado num sentido puramente místico, não podia suceder o mesmo nesta passagem de São Mateus, que é inequívoca: é ELE MESMO o Elias que deve vir; não há, aí, nem figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. *"Desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência."* Que significam essas palavras, uma vez que João Batista vivia ainda naquele momento? Jesus as explica, dizendo: *"Se quereis compreender o que vos disse, é ele mesmo o Elias que deve vir".* Ora, João não sendo outro senão Elias, Jesus faz alusão ao tempo em que João vivia sob o nome de Elias. *"Até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência",* é uma outra alusão à violência da lei mosaica que ordenava o extermínio dos infiéis para ganhar a Terra Prometida, Paraíso dos Hebreus, enquanto que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela doçura. Depois ele ajunta: Ouça quem tem ouvidos para ouvir. Estas palavras, tão freqüentemente repetidas por Jesus, dizem claramente que todo o mundo não estava em condições de compreender certas verdades (1).

Outras partes da Bíblia falam sobre a reencarnação?

<u>No Livro de Isaías:</u> *"Aqueles do vosso povo que se tenham feito morrer, viverão de novo; aqueles que estavam mortos ao redor de mim, ressuscitarão. Despertai do vosso sono e cantai os louvo-*

res de Deus, vós que habitais na poeira; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz, e porque arruinareis a terra e o reino dos gigantes." (Isaías 26:19). Esta passagem de Isaías também é bem explícita: *"Aqueles do vosso povo que se tenham feito morrer viverão de novo"*. Se o profeta pretendesse falar da vida espiritual, se quisesse dizer que aqueles que se tenham feito morrer não estavam mortos em Espírito, ele teria dito: vivem ainda e não viverão de novo. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contra-senso uma vez que implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de regeneração moral, elas seriam a negação das penas eternas, uma vez que estabelecem, em princípio, que todos aqueles que estão mortos, reviverão.

<u>No Livro de Jó:</u> *"Mas quando o homem está morto uma vez, que seu corpo, separado do seu espírito, está consumido, em que se torna ele? O homem estando morto uma vez, poderia reviver de novo? Nessa guerra, em que me encontro todos os dias da minha vida, espero que minha transformação chegue."(*Jó 14:10,14. Tradução de Le Maistre de Sacy).
*"Quando o homem morre, perde toda a sua força e expira; depois, onde está ele? Se o homem morre, reviverá? Esperarei todos os dias do meu combate, até aquele em que me chegue alguma transformação?"(*Idem. Tradução protestante de Osterwald). *"Quando o homem está morto, ele vive sempre; terminando os dias de minha existência terrestre, esperarei, porque a ela voltarei de novo."(*Idem. Versão da Igreja grega).

O princípio da pluralidade das existências está claramente expresso nessas três versões. Não se pode supor que Jó tenha querido falar da regeneração pela água do batismo que, certamente, ele não conhecia. *"O homem estando morto uma vez poderia reviver de novo?"* A idéia de morrer uma vez e reviver, implica na de morrer e de reviver várias vezes. A versão

da Igreja grega é ainda mais explícita, se isso é possível. *"Terminando os dias de minha existência terrestre, esperarei, porque a ela retornarei",* quer dizer, eu tornarei à existência terrestre. Isso é tão claro como se alguém dissesse: *"Eu saio da minha casa, mas a ela retornarei. Nessa guerra em que me encontro todos os dias da minha vida, espero que minha transformação chegue."* Jó, evidentemente, quer falar da luta que sustenta contra as misérias da vida; ele espera sua transformação, quer dizer, se resigna. Na versão grega, eu esperarei, parece antes se aplicar à nova existência:
"Quando minha existência terrestre se findar, eu esperarei porque a ela retornarei"; Jó parece se colocar, depois da sua morte, no intervalo que separa uma existência da outra, e diz que ali *"ele esperará seu retorno."* (2).

Antigo conceito de reencarnação

Não é, pois, duvidoso que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos Judeus; que ele foi confirmado por Jesus e pelos profetas de maneira formal; de onde se segue que negar a reencarnação, é negar as palavras do Cristo. Essas palavras constituirão, um dia, autoridade sobre esse ponto, como sobre muitos outros, quando forem meditadas sem preconceitos. Mas a essa autoridade, do ponto de vista religioso, vem se acrescentar, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos; quando se quer remontar dos efeitos à causa, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como uma condição inerente à Humanidade, numa palavra, como uma lei natural; ela se revela por seus resultados, de um modo, pode-se dizer, material, como o motor escondido se revela pelo movimento; só ela pode dizer ao homem de onde ele vem, para onde vai, porque

está sobre a Terra, e justificar todas as anomalias e todas as injustiças aparentes que a vida apresenta.
Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maior parte das máximas do Evangelho são ininteligíveis, por isso, deram lugar a interpretações tão contraditórias; este princípio é a chave que lhe deve restituir seu verdadeiro sentido (3).

1) Extraído de: O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. IV, itens 6 ao 11.

2) Extraído de: O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap IV, item 15.

3) Extraído de: O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. IV. Item 17.

Capítulo VIII
Sessão de Estudos – Parte II

Neste capítulo apresentamos os estudos realizados em sessão mediúnica realizada no Centro Espiritual Caminho de Luz – CECL. As respostas foram dadas por uma entidade denominada de Anjo Anrafel.

A Origem do Mal

1° Algumas religiões concebem que o mal é um atributo da divindade suprema, por isso gostaríamos de saber sua opinião sobre isso: o mal tem sua origem em Deus?

R. Não. Sendo Deus o princípio de todas as coisas, e sendo este princípio todo sabedoria, todo bondade, todo justiça, tudo o que dele procede deve participar de seus atributos, porque é infinitamente sábio, justo e bom, nada pode produzir de insensato, de mau e de injusto.

2° Qual a causa dos males de todas as espécies que presenciamos em nosso mundo sejam eles físicos ou morais podem então ser atribuídos a um outro ser?

R. Os males do vosso mundo se distinguem e duas categorias: os flagelos naturais e os males que podeis evitar, este último podeis dizer que é um atributo do espírito do mal.

3° Que espírito é este e por que faz isso?

R. O ser que conheceis por nome de Ariname, Satanás ou Diabo, como quiser. Era um de nós até que se revoltou contra a criação de Deus: a raça humana, e desde então tenta destruí-la completamente.

4° Em algumas seitas esse ser é adorado como um deus e o colocam como sendo igual a Divindade, o que pensa sobre isso?

R. Se assim fosse seria também tão poderoso quanto Deus, e de toda a eternidade igual a Ele. Dessa forma haveria duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra faz, e se opondo mutuamente. É evidente que esta hipótese é inconciliável com a unidade de vistas que se revela na disposição do Universo.

5° Então esse ser é inferior a Deus?

R. Sim, já vos disse: era um de nós e não somos deuses.

6° Se é inferior a Deus deve ter sido criado por Ele também e, conseqüentemente, um ser subordinado. Isso está correto?

R. É evidente que sim, todos nós somos.

7° Então Deus criou o Espírito do mal?
R. Não, se assim o fosse seria a negação da bondade divina. Deus criou esse espírito como todos os outros que vós chamais de zombeteiros, malfazejos ou inferiores: todos foram criados simples e ignorantes, quer dizer, sem ciência.

8° Como então pode um espírito simples e ignorante ter uma inteligência tamanha ao ponto de causar tantos malefícios entre os homens?

R. Porque não é mais simples e ignorante como julgais. Foi criado há muito tempo e por isso mesmo pôde progredir em diversas áreas do conhecimento e também pertencer a civilizações muito mais avançadas do que a vossa.

9° O que o Mestre ensinou acerca desse Espírito?

R. Que ele foi homicida desde o princípio, que não se firmou na verdade e que não havia verdade nele (1).

10° Que princípio é este?

R. Princípio da vossa raça, da vossa civilização.

11° Então ele está aqui entre nós desde a criação do mundo?

R. Da criação do mundo não, mas sim desde o início das primeiras civilizações do globo terrestre.

12° Por que?

R. Escolheu habitar em vosso mundo para ajudar no seu progresso.

13° Ele então se encarnou aqui na Terra para cumprir essa missão?

R. Não. Teve a permissão de Deus para atuar como espírito e não como homem.

14° Nesse período ele estava encarnado em outro mundo?

R. Encarnado não é a palavra correta, pois no mundo em que vivia os seres não são constituídos da vossa matéria a qual chamais de orgânica.

15° Bem, levar a Humanidade ao progresso não foi isso que realmente ele fez, uma vez que é uma das causas do caos em que vivemos. O que o fez mudar de idéia?

R. Ceder as suas paixões, desejando o que não lhe pertencia. Devido ao seu grau de adiantamento, quer dizer, em ciência, viu que possuía certos poderes em relação aos homens e acabou se corrompendo ao aceitar deles a adoração que somente a Deus se deve dar.

16° E como conseguiu, de fato, conduzir as civilizações para a adoração da criatura ao invés do Criador?
R. Através da mentira, é óbvio. Porventura não tendes lido aquilo que o Cristo disse: que satanás é o pai da mentira? (2).
17° O que aconteceu depois que Satanás recebeu a adoração indevida?
R. Perdeu sua condição de anjo adorador para se tornar um anjo adorado.

18° E quais as faltas ou penalidades que contraiu por conseqüência disso?
R. Foi expulso do mundo em que vivia, depois foi julgado e condenado a cumprir uma pena em vosso sistema.

19° Jesus disse alguma coisa acerca da queda desse anjo?

R. Disse aos discípulos que viu satanás cair do céu como um raio (3).

20° Então ele está aprisionado aqui na Terra?

R. Sim.

21° E por que Deus deixaria ele no planeta Terra se sabia que iria prejudicar os homens?

R. *Porque a vossa raça contraiu uma dívida decorrente da adoração desse ser, dívida esta que precisa ser expiada. Esse é o motivo dele ser aprisionado em vosso mundo e não em outro lugar.*

22° Mas isso evidentemente deve ter ocorrido a milhões de anos atrás. Que culpa tem os Espíritos encarnados que aqui estão?

R. Os espíritos que o adoraram contraíram para si esta falta e o vosso mundo está cheio deles.

23° Então todos os Espíritos que estão hoje encarnados já viveram num passado distante como adoradores de Satanás e agora precisam expiar suas faltas?

R. Muitos, mas não todos.

24° Então existem àqueles que não contraíram essa falta?

R. Alguns contraíram essa falta no passado, outros estão adquirindo na encarnação presente.

25° Então existem pessoas hoje que ainda adoram esse Espírito. Como pode ocorrer isso?

R. Através do engano das muitas religiões que se tem propagado em vosso mundo.

26° E por que Deus não impede a disseminação das crenças enganosas?

R. Todos tem seu livre arbítrio para ensinar o que querem e também seguir aquilo que desejam e nisso Deus não interfere.

27° Mas Deus não faz nada para reverter essa situação, pelo menos para mostrar a verdade aos seus filhos?

R. Sim. Vede Jesus, sua obra e seus seguidores e encontrareis as respostas que necessitais.

28° Qual o ensinamento básico do Mestre a este respeito?

R. Que Deus amou o vosso mundo de uma tal maneira ao ponto de enviar até vós o Seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (4).

Os seres chamados de demônios

1° O que são os demônios descritos nos evangelhos?

R. São espíritos de anjos que vivem nas trevas e que chamais de entidades malfazejas ou maus espíritos.

2° A palavra *daimon*, que deu origem a *demônio*, não era tomada no mau sentido na antiguidade como agora entre os tempos modernos. Por que este conceito mudou?

R. Era assim, de fato, mas com o advento do Cristo o que estava em oculto se revelou e desde então sabeis que anjos são espíritos de luz e demônios anjos das trevas.

3° Os anjos das trevas eram seres perfeitos?

R. Toda criação de Deus é perfeita segundo a sua natureza, mas bem sei o que desejas saber: moralmente, como entendeis, não eram perfeitos.

4° Por que os demônios fazem o mal?

R. Por prazer e principalmente pelo ódio que possuem da vossa raça.

5° Por que possuem esse ódio por nós?

R. Sois uma criação maravilhosa de Deus e isso lhes causa inveja e despeito.

6° Assim como Satanás, os demônios também são criaturas avançadas em ciência? (veja: "A Origem do Mal, pergunta nº 8").

R. Sim.

7° Qual a relação deles com Satanás?
R. São subordinados a ele e lhe servem como agentes de sua vontade.

8° Por que?

R. Porque escolheram segui-lo e serem fieis a ele.

9° Então eles também receberam a mesma sentença? Isto é, estão presos aqui em nosso orbe terrestre como Satanás? (Veja: "A Origem do Mal).
R. Sim.

10° O que levou eles a seguirem Satanás?

R. Anteriormente Satanás era o líder de uma hierarquia universal e esses espíritos já prestavam-lhe obediência e respeito. Quando foi organizada a grande rebelião esses espíritos decidiram acompanhá-lo e por causa dessa escolha estão até hoje junto com ele e lhe servem.

11° Que grande rebelião é esta?

R. O plano organizado para dominar alguns planetas e exercer poder sobre eles.

12° Conhecemos esses planetas?

R. Apenas um.

13° Qual?

R. O vosso.

14° Então o planeta Terra estava na lista dos mundos a serem dominados por estes seres. O que aconteceu com os outros planetas?

R. Foram salvos dessa ação maligna.

15° E por que somente a Terra é que foi gravemente afetada, uma vez que eles estão aqui e podem causar muitos malefícios aos homens?

R. Já vos respondi a isso (ver A origem do mal, n° 21").

16° Como foi impedida a grande rebelião?

R. Legiões de anjos que chamais de espíritos de luz foram enviados para combater os rebelados e também para aprisioná-los em vosso sistema.

17° Existe alguma referência desse episódio nos livros sagrados?

R. Sim, vede o Apocalipse (5).

18° Por causa de sua condição os demônios são obrigados a servir Satanás?

R. Sim, mas essa obrigação foi contraída por livre e espontânea vontade, eles o respeitavam e por isso mesmo fizeram-lhe votos de lealdade e submissão.

19° Mas se eles se arrependerem e quiserem voltar ao bom caminho, conseguirão se desprender dessa obrigação?

R. Sim, mas isso é pouco provável que aconteça durante o cumprimento de sua pena, pois a influência e o poder que Satanás exerce sobre eles é muito forte.

20° Quando termina essa pena?

R. Existe um período determinado para isso que não me é dado saber exatamente mas sei que está próximo o seu fim.

21° Com base em que podemos saber que este evento está próximo?

R. Naquilo que está escrito nos livros sagrados e pelas coisas que tem ocorrido em vosso mundo.

22° Pode nos dar um exemplo?

R. Sim, está escrito que o Evangelho seria pregado em todo o vosso mundo, em testemunho a todas as gentes e então viria o fim (6)*, isso está ocorrendo de forma mais rápida agora com a tecnologia que o vosso mundo dispõe. Está escrito também que nos últimos tempos alguns iriam apostatar da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios* (7)*. É o que tem ocorrido entre vós. Observai aquilo que o Cristo vos ensinou, dizendo: Aprendei pois a parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão* (8)*.*

23° Realmente com o advento da internet os ensinamentos do Evangelho tem entrado em muitos países do globo, mas esse "fim" não seria uma alusão a mudança que ocorrerá em nosso mundo: o fim de um sistema e o início de outro?

R. A duas coisas estão ligadas entre si.

24° Então com a soltura de Satanás e seus anjos se inicia um novo ciclo no planeta?

R. Não, isso ocorre antes.

25° Em nosso mundo, em alguns países, as penas terminam com a execução de seus prisioneiros. Ocorrerá isso com Satanás e seus anjos?

R. Não, os espíritos são eternos e por isso mesmo não podem morrer como pensais.

26° Então após o cumprimento da pena eles serão colocados em liberdade?
R. É óbvio que sim, pois do contrário onde estaria a justiça de Deus? Entretanto, serão transportados para um mundo bem mais inferior do que o vosso e colher o fruto de suas obras.

27° Isso é muito interessante, existe alguma referência nos livros sagrados?

R. Sim, podeis encontrar no Apocalipse (9)*.*

A ressurreição e o processo de retorno à vida

A questão da doutrina da ressurreição tem sido debatida desde os primeiros séculos do Cristianismo, e como em outros pontos doutrinários, pode-se dizer que ainda não está plenamente compreendida. Em nossa opinião, essa questão deve ser encarada com mais seriedade pois é um dos pontos fundamentais do ensino do Mestre e também de seus primeiros discípulos.

De fato, em todos os evangelhos e na maioria das epístolas apostólicas dá-se ênfase no ensino cristão sobre a "Ressurreição". Os primeiros discípulos relatam que Jesus falou e ensinou inúmeras vezes sobre essa doutrina. Paulo, o Apóstolo, fez dela uma parte essencial de seu evangelho. Mas o que é, de fato, a "ressurreição"? O que os livros sagrados falam e ensinam sobre essa questão? O que os guias espirituais tem ensinado sobre isso?

Segundo o dicionário, a palavra "ressurreição" significa "ato ou efeito de ressurgir ou ressuscitar", quer dizer, "fazer voltar a vida" ou "tornar a viver".

Mas como podemos compreender esse processo de retorno à vida?

Onde e quando que deve ocorrer esse fato?

Com que tipo de corpo as pessoas são ou serão ressuscitadas?

Existe um ponto em comum entre ressurreição e reencarnação?

Essas indagações nos levaram a preparar algumas sessões de estudos especificamente para tratar desse assunto. Abaixo segue as respostas que obtivemos através dos nossos guias:

1º Iniciando esta sessão em nome do Mestre queremos apresentar aqui um dos textos bíblicos que nos tem chamado bastante atenção sobre este assunto que estaremos tratando a partir de hoje, diz assim: "Pois, assim como o Pai levanta os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem ele quer" (10). Poderia nos dizer o que Jesus quis dizer com estas palavras?

R. Mostrar a idéia de que os mortos passam por uma ressurreição ou se quiser, retornam a vida. O Cristo disse: "o Pai levanta os mortos", isto é, o Pai faz os desencarnados viverem novamente na forma corporal".

2º Realmente a idéia do retorno a vida está presente neste versículo e não há o que discordar disso, a menos que se traga outro ponto de vista da questão. Mas se é o Pai o responsável por levantar os mortos, por que o Mestre diz: "o Filho dá vida a quem ele quer"?

R. Porque Jesus também tem essa autoridade ou este poder semelhante ao de Deus, o que o faz ter o domínio sobre este processo chamado de "ressurreição".

3º Então Jesus age independente do poder de Deus?

R. Embora tenha um poder semelhante ao de Deus nesse aspecto, ele (o Cristo) precisa da permissão do Pai para fazer o que deseja e isso se pode observar pelas suas próprias palavras, quando diz: "Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer o Pai; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente" (11).

4º Como Jesus conseguiu essa autoridade ou esse poder para ressuscitar os mortos?

R. Esse poder é o resultado do êxito de sua missão em vosso mundo onde pôde se elevar muito na escala evolutiva universal, evolução tal que foi-lhe concedido o domínio do vosso planeta e hoje é uma espécie de governador planetário. Foi isso que o levou a dizer: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (12).

5º Queremos apresentar aqui a seguinte citação do evangelho:
"Pois, assim como o Pai levanta os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem ele quer" (JESUS - São João 5:21).

Quando o Mestre diz: "o Pai levanta os mortos e lhes dá vida" Ele está se referindo a ressurreição ou a reencarnação?

R. Ambas.

6º Então reencarnação e ressurreição são a mesma coisa?

R. Não, a ressurreição tem vários processos diferentes como podereis observar mais para frente e um desses assemelha-se muito a doutrina da reencarnação, por isso vos disse que o Cristo estava falando das duas coisas.

7º É correta a idéia de que o espírito do homem retorna à vida corporal em um outro corpo novamente formado para ele, e que nada tem de comum com o antigo?
R. Sim, essa idéia se refere a um dos aspectos da ressurreição e que chamais de reencarnação.

8º Igualmente, é correta a idéia de que o espírito do homem poderia retornar à vida corporal no mesmo corpo em que viveu?
R. Sim, esse também é um dos aspectos da ressurreição a qual a Igreja denomina de ressurreição da carne.

9º Mas Allan Kardec ensinou que: "a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo estão, desde há muito tempo, dispersos e absorvidos" (13). Como resolver essa questão?

R. O Cristo também ensinou que "as coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus porque para Deus tudo é possível" (14), *quem achas ter a razão? Deves entender uma coisa, a ciência do vosso mundo também não admite a possibilidade da reencarnação até hoje e no entanto ela existe.*

10º Então existe a possibilidade dos elementos do corpo se juntarem novamente, mesmo àqueles que há muito estão dispersos?
R. Sim, o próprio Kardec trouxe uma idéia sobre este ponto quando tratou da gênese orgânica (15).

11º Em outra parte do Evangelho, Jesus diz assim:
"Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra,e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida." (Evangelho Segundo São João, capítulo 5, versículo 24)

Aprendemos com Kardec que a "vida eterna" é a vida do espírito, que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retorna à vida eterna. Nessa forma de pensar, acredita-se então que quando o Mestre falou essas palavras: "...quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna..." Ele estava se referindo aos espíritos encarnados que ouvem a sua palavra e depois, após a passagem, gozam da vida eterna que é a vida dos espíritos. É correta essa interpretação?

R. Vosso raciocínio sobre a expressão "vida eterna" poderia ser correto se não existisse aí um problema: todos os espíritos que desencarnam, logo passam a viver a vida do espírito. A passagem de um plano para o outro é uma lei onde estão submetidos todos os espíritos encarnados. Meditando na vossa idéia, por que, pois, para entrar na vida de espírito desencarnado haveria então a necessidade de primeiramente ouvir a palavra do Cristo? Todos não vão para o reino espiritual, mesmo aqueles que não ouvem o Evangelho? Não ocorre aí uma contradição? Se a vida eterna é o que chamais de erraticidade, quer dizer, a vida espírita ou do espírito entre uma encarnação e outra, não faz sentido o apelo de Jesus para que todos ouçam a sua voz ou a sua palavra para ganhar uma recompensa chamada "vida eterna". Vida eterna tem, pois, um outro significado que entendereis mais adiante.

12º *"Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão".* (Evangelho Segundo São João, capítulo 5, versículo 25)
Nesse outro texto, quando o Mestre disse que os mortos ouviriam a sua voz e então viveriam novamente, ele estava se referindo a ressurreição ou reencarnação?

R. Ressurreição.

13º Mas não parece lógico pensar que ele estava falando de uma ressurreição corporal, carnal ou coisa parecida uma vez que naquele exato momento, naquela mesma "hora", ninguém ressuscitou neste sentido, nem mesmo após o seu discurso. Se isso tivesse ocorrido evidentemente teria sido algo notável e como tal, registrado no Evangelho como foi o caso, por exemplo, da ressurreição de Lázaro (16).

R. Ele fala da ressurreição dos que estão moralmente mortos, o ressurgimento de uma vida feliz e saudável resultante de uma nova maneira de pensar, falar e agir, que produz a reforma íntima necessária para elevar o espírito humano até Deus.
14º Seria então um ressurgimento a nível moral e não corporal. Trata-se de uma ressurreição moral?

R. Sim, nesta linha de raciocínio podeis admitir sem dúvida nenhuma que houve naquele exato momento não somente uma mas várias ressurreições de pessoas que se encontravam moralmente mortas. Isso justifica a imensa multidão que acompanhou o Cristo depois de sua pregação.

15º Quando o Mestre disse: "vem a hora, e agora é", entendemos que Ele quis dizer: "está vindo o momento deles ouvirem a minha voz e agora é a hora de acontecer isso". Está correta esta interpretação?

R. Sim.

16º Então poderíamos afirmar que existem dois tipos de ressurreição: a moral e a corporal?

R. Sim, mas existe ainda uma outra forma de ressurreição no âmbito corporal que ainda não sabeis.

17º Qual?

R. Vede a ressurreição do Cristo. Aplicai-vos no estudo desta questão e vereis que existe algo diferente.

18º *"Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus costumam fazer, na preparação para o sepulcro.*
"E no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro.
"Chegada, pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco.
"E, dizendo isto, mostrou-lhes as suas mãos e o lado. De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor (17).

O corpo que o Mestre usou por ocasião da sua ressurreição parece não ser o mesmo que possuía antes da sua morte, isso está correto?

R. Sim.

19º Seria o seu corpo fluídico ou perispírito? (18).

R. Não.

20º Que tipo de corpo o Mestre usou?

R. Podeis chamar de corpo glorificado.

21º Como era esse corpo?
R. Tinha a aparência de um corpo carnal mas na realidade tratava-se de um envoltório corporal constituído de propriedades ainda desconhecida por vós.
22º Disse-nos que não era um corpo fluídico mas pelo estudo que fizemos a probabilidade de ter sido uma aparição tangível é muito grande. Como resolver esta questão?

R. As aparições tangíveis dos espíritos são muito raras e mesmo assim não se dão por muito tempo, não é o caso de Jesus pois vede que ele ficou quarenta dias com seus discípulos. Um espírito não consegue permanecer visível por muito tempo sob uma forma tangível, isso é contrário as leis naturais que regem os efeitos dessas aparições.

23º Onde está descrito que o Mestre ficou todo esse tempo com os discípulos?

R. Vede Atos dos Apóstolos (19).

24º Por que o Mestre ressuscitou com este tipo de corpo e não com o mesmo corpo carnal de antes?

R. Para mostrar aos seus discípulos o tipo de ressurreição que eles também iriam ter.

35º Então depois de ressuscitados os discípulos devem possuir corpos semelhante ao do seu Mestre?

R. Sim, é este o fundamento básico da fé cristã primitiva.

36º Foi ensinado isso aos primeiros apóstolos? Onde podemos encontrar algo a este respeito?

R. Vede as epístolas: a de Paulo ao romanos (20)*, a primeira de João* (21) *e a segunda de Pedro* (22).
27º Qual a razão desse corpo especial?

R. É o envoltório corporal necessário para se viver no lugar que está destinado aos discípulos e todos os demais que forem fieis aos preceitos do evangelho.

28º Que lugar é este?

R. Um mundo no qual chamais de regenerador.

29º Então os discípulos e os seguidores em geral do evangelho receberão corpos glorificados para morar num outro mundo localizado fora da Terra. Eles serão portanto ressuscitados e não reencarnados. É correto dizer isso?

R. Sim.

30º Onde podemos encontrar uma referência sobre isso nas palavras do Mestre?

R. Vede João (23).

1) - Evangelho segundo São João, capítulo 8, versículo 44.
2) - Evangelho segundo São João, capítulo 8, versículo 44.
3) - Evangelho segundo São Lucas, capítulo 10, versículo 18.
4) - Evangelho segundo São João, capítulo 3, versículo 16.
5) - Livro de Apocalipse, capítulo 12, versículos 7, 8 e 9.
6) - Evangelho São Mateus, capítulo 24, versículo 14.
7) - Primeira Epístola de São Paulo à Timóteo, capítulo 4, versículo 1.
8) - Evangelho São Mateus, capítulo 24, versículo 32.
9) - Livro de Apocalipse, capítulo 20, versículo 7.
10) - Evangelho São João, capítulo 5, versículo 21.
11) - Evangelho São João, capítulo 5, versículo 19.
"Jesus, porém, olhando para eles disse: Para os homens é impossível, mas não para Deus, porque para Deus todas as coisas são possíveis" (Evangelho Segundo São Marcos, capítulo 10, versículo 27; ver também São Lucas, capítulo 1, versículo 37; ver ainda, capítulo 18, versículo 27 do mesmo livro).
12) - Evangelho São Mateus, capítulo 28, versículo 18.
13) - O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 4, nº 4, Instituto de Difusão Espírita, 143ª Edição.
14) - "Jesus, porém, olhando para eles disse: Para os homens é impossível, mas não para Deus, porque para Deus todas as coisas são possíveis" (Evangelho Segundo São Marcos, capítulo 10, versículo 27; ver também São Lucas, capítulo 1, versículo 37; ver ainda, capítulo 18, versículo 27 do mesmo livro).
15) - "A lei que preside à formação dos minerais conduz, naturalmente, à formação dos corpos orgânicos.
"A análise química nos mostra todas as substâncias, vegetais e animais, compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Aqueles, desses elementos, que desempenham o princi-

pal papel são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; os outros aí não se encontram senão acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporção na combinação desses elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e as suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bile, os nervos, a matéria cerebral, a gordura nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, o azeite, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, não entra nenhum corpo especial que não se ache igualmente no reino mineral .

"...Na semente de uma árvore, não há nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, e é um erro pueril crer que a árvore inteira, sob forma microscópica encontra-se na semente; não há mesmo, com grande diferença, nessa semente, a quantidade de oxigênio, de hidrogênio e de carbono, necessária para formar uma folha de árvore. A semente encerra um germe que desabrocha quando está em condições favoráveis; esse germe cresce pelos sucos que haure na Terra e os gases, que aspira do ar; esses sucos, que não formam nem madeiras, nem folhas, nem flores, nem frutos, em se infiltrando na planta formam a sua seiva como os alimentos, nos animais, formam o sangue. Esta seiva, levada pela circulação, a todas as partes do vegetal, segundo os órgãos onde ela termina e onde sofre uma elaboração especial, se transforma em madeiras, folhas, frutos, como o sangue se transforma em carne, ossos, bile, etc. etc. e, no entanto, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, azoto, e carbono, diversamente combinados.

"...Uma vez que os elementos constitutivos dos seres orgânicos e os dos seres inorgânicos são os mesmos; que vêm incessantemente, sob o império de certas circunstâncias, formarem as pedras, as plantas e os frutos, pode-se disso concluir que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares em virtude da lei da afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a tal ou tal espécie." (A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo, capítulo 10, nº 12,13 e 15).

16) - Evangelho São João, capítulo 11.

17) - Evangelho Segundo São João, capítulo 19, versículo 40; capítulo 20, versículo 1, 19,20.

18) - Perispírito. Corpo espiritual ou fluídico de que se servem os espíritos desencarnados.

19) - Atos dos Apóstolos, capítulo 1, versículo 3.

20) - Epístola de São Paulo aos Romanos, capítulo 8, versículo 11.

21) - 1ª Epístola de São João, capítulo 3, versículo 2.

22) - 2ª Epístola de São Pedro, capítulo 1, versículo 4.

23) - Evangelho Segundo São João, capítulo 14, versículos 2 e 3.

***

MANUAL PRÁTICO DE MESA BRANCA

Existe uma confusão muito grande em relação a Mesa Branca e o Espiritismo e isso normalmente é motivado por dois motivos básicos: 1º A semelhança que existe em alguns pontos, como por exemplo, a comunicação mediúnica com os espíritos, os passes magnéticos e a crença na reencarnação; 2º Porque a Mesa Branca, em especial as de linhas cristãs, adotam a Ciência Espírita como fonte de conhecimento e prática mediúnica. Neste caso, pode-se dizer que todos os adeptos da Mesa Branca são espíritas ou que praticam também o Espiritismo. Mas não segue daí que todo espírita seja um praticante da Mesa Branca.

A Mesa Branca, embora utilize as práticas espíritas em suas sessões, é um seguimento livre que adota também ensinos e procedimentos de outras correntes religiosas segundo a linha que segue e as orientações dos seus guias. A Mesa Branca é o produto aprimorado das sessões mediúnicas do moderno espiritualismo, cuja raízes surgiram muito antes de Allan Kardec e que até então era conhecida por "telegrafia espiritual", e depois, por "mesa girante" ou "mesa falante". Essa prática mediúnica foi a responsável por chamar a atenção de vários pesquisadores para o fato das manifestações dos espíritos ocorrerem a partir das mesas.

Esta obra é um guia muito útil e prático para você aprender tudo sobre a prática dos médiuns e o desenvolvimento da mediunidade, e também poder tirar as dúvidas sobre questões importantes como a reencarnação, a comunicação com os espíritos e a vida após a morte.

***

Sobre o Autor

O autor desta obra é um estudioso da questão tanto na teoria como na prática. Médium curador, passista e doutrinador, atualmente preside o Centro Espiritual Caminho de Luz - www.cecl.com.br grupo de mesa branca pelo qual vem desenvolvendo o seu trabalho e auxiliando milhares de pessoas no Brasil e no mundo. Contando também o com o apoio de uma Rádio – www.radiowebluz.com.br divulga diariamente os trabalhos da mesa branca através de sessões de estudos e correntes de prece. O autor também é autor do livro: Estudos Secretos Sobre Jesus Cristo.

Endereço para contato:
lamosa2004@yahoo.com.br